

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TAMIRES FERREIRA DOS SANTOS SILVA

**O PROCESSO DE TRADUÇÃO PARA DUBLAGEM:  
UM ESTUDO SOBRE HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**

Serra Talhada  
2018

TAMIRES FERREIRA DOS SANTOS SILVA

**O PROCESSO DE TRADUÇÃO PARA DUBLAGEM:  
UM ESTUDO SOBRE HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco da Unidade Acadêmica de Serra Talhada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa de Pinho Cavalcanti

Serra Talhada  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE  
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

S586p Silva, Tamires Ferreira dos Santos

O processo de tradução para dublagem: um estudo sobre Harry Potter e a pedra filosofal / Tamires Ferreira dos Santos Silva. – Serra Talhada, 2018.

60 f.; il.

Orientadora: Larissa de Pinho Cavalcanti

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2018.

Inclui referência e apêndice.

1. Potter, Harry (Personagem fictício). 2. Dublagem. 3. Língua inglesa. I. Cavalcanti, Larissa De Pinho, orient. II. Título.

CDD 400

TAMIRES FERREIRA DOS SANTOS SILVA

**O PROCESSO DE TRADUÇÃO PARA DUBLAGEM: UM ESTUDO SOBRE  
HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito à obtenção do grau de licenciado em Letras, pela seguinte banca examinadora:

Serra Talhada, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Larissa de Pinho Cavalcanti – orientadora  
Departamento de Letras  
UFRPE/UAST.

---

Profa. Dra. Bruna Lopes Fernandes Dugnani  
Departamento de Letras  
UFRPE/UAST.

---

Prof. Me. João Paulo de Souza Araújo  
Departamento de Letras  
UFRPE/UAST.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço acima de tudo a Deus, pois acredito que existe um ser superior a nós que nos ajuda a ter força, equilíbrio e esperança para lidar com as situações da vida cotidiana, e este ser superior é ele.

Agradeço aos meus familiares que estiveram durante minha graduação dando forças positivas para que conseguisse concluir e realizar este projeto.

Agradeço ao curso de letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada e todo corpo docente, que sempre esteve ajudando a prosseguir nesta caminhada.

Agradeço a meus filhos Pablo Lima e Perla Lima, pois minha maior força para não desistir veio deles.

Agradeço a minha orientadora, a professora Dra. Larissa de Pinho Cavalcanti, pois me acompanhou durante todo o desenvolvimento deste trabalho, e por ter acreditado ser possível a realização do mesmo, sendo seu apoio de fundamental importância para mim.

*Lord Knows, dreams are hard to follow. But don't let anyone, take them away. Hold on, there will be tomorrow. In time, you'll find the way.*

Trecho de Hero, Mariah Carey.

## RESUMO

Será que a produção audiovisual que assistimos em nossa língua materna produz as mesmas intenções da versão original? É a partir desse questionamento que será desenvolvida esta pesquisa: um estudo da tradução para dublagem a partir do filme Harry Potter e A Pedra Filosofal. Com o propósito de investigar os mecanismos utilizados para a tradução da dublagem no filme Harry Potter e a Pedra Filosofal, especificamente, investigamos as principais mudanças ocorridas na tradução para a dublagem, considerando as falas do filme, em sua relação com o audiovisual das cenas, e se as alterações de natureza léxico-sintática e semântica, entre original e dublagem, produziram, também, efeitos de sentido diversos para o telespectador. O estudo descreve as diversas teorias que giram em torno do tema: a tradução, a equivalência, a domesticação, a estrangeirização, a adaptação, a adaptação e as investiga nos dados de fala – em língua original e língua da dublagem – coletados na produção fílmica citada. Para isso, foi necessário assistir ao filme com o áudio original em inglês e à sua respectiva dublagem em português (para o qual foram usadas as versões lançadas pela Warner Brothers para consumo doméstico em formato DVD). Após a seleção de 41 exemplos de tradução para a dublagem, por questões de espaço e tempo de análise, restringimos o *corpus* para 12 exemplos, os quais concentrassem em si mais de uma dimensão das estratégias de tradução para dublagem. O desenvolvimento da pesquisa a colocou para além dos estudos da tradução linguística estrita, pois, para dublar é preciso observar se a tradução se encaixa ao movimento labial da personagem, ao tempo da fala e ao volume textual. Quanto ao aspecto textual, foram observadas mudanças lexicais e sintáticas atentas ao registro de formalidade das cenas, à cultura do público telespectador e ao próprio uso da língua portuguesa, fazendo com que no trabalho de tradução surgissem muitas adaptações e equivalências, com poucas opções pelas traduções mais próximas à língua original. Seja para alimentar a curiosidade de pessoas interessadas no tema, seja para colocar relevância ao estudo da tradução e da tradução para dublagem, este trabalho pode ajudar a esclarecer alguns questionamentos colocados sobre o processo de tradução para dublagem.

Palavras Chaves: Dublagem; Harry Potter; Língua Inglesa; Tradução;

## ABSTRACT

Does the audiovisual production we see in our native language produces the same intentions as the original version? It is from this questioning that this research will be developed: a study of translation for dubbing based on the movie Harry Potter and the Philosopher's Stone. Aiming to investigate the mechanism used in the translation of Harry Potter and the Philosopher's Stone, specifically, this paper analyzes the main changes from original to target language in the translation for dubbing, considering the lines from the movie in their relation to the audiovisual of scenes and whether changes of lexical-syntactical as well as semantic nature would produce different effects of meaning for the viewer. This study focuses on the various theories that revolve around the theme: translation as a process, equivalence, domestication, foreignization, transdaptation and adaptation and investigates them in speech data – from the original English and the dubbed Portuguese lines – from the movie. It was necessary to watch the movie in its two versions (original version with audio in English) and the dubbed (with audio in Portuguese) using the product released by Warner Brothers for domestic consumption on DVD. After the selection of 41 translation examples for he dubbing, due to space and the time of analysis, we restrict *corpus* to 12 examples, which focus on more than one dimension of translation strategies. The development of the research put it beyond the studies of translation, because in addition to translating, dubbing requires the translation to fit the movement of the character' lips, the length of each line and the text volume. As for the textual findings, lexical and syntactical changes according to register, culture and the use of Portuguese by the target audience, which showed very little preference for translations closer to the original language. Be it to feed the curiosity of people interested in the subject, or to highlight the study of translation and translation for dubbing, this work can help clarifying issues concerning the translation process for dubbing.

Keywords: Dubbing; English; Harry Potter; Translation.



## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. TRADUÇÃO: CAMPO, PRÁTICAS E TIPOS .....</b>	<b>12</b>
1.1 Buscando um conceito para a tradução .....	12
1.2 Tipos de tradução e os princípios dessa prática .....	16
1.3 Tradução audiovisual: legendagem e dublagem .....	17
<b>2. A DUBLAGEM COMO TRADUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
2.1 A dublagem no mundo.....	20
2.2 História da dublagem no Brasil .....	21
2.3 O processo de dublagem .....	24
2.4 A tradução para dublagem e suas características .....	26
2.4.1 A equivalência.....	27
2.4.2 A adaptação .....	29
2.4.3 A tradaptação .....	31
<b>3. DUBLAGEM EM HARRY POTTER: O MÉTODO .....</b>	<b>33</b>
<b>4. HARRY POTTER: DUBLAGEM, ESCOLHAS E MAGIA .....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>59</b>

## APRESENTAÇÃO

Falar em tradução pode parecer complicado ou até mesmo fácil dependendo de quem o considera. Se você considera o trabalho do tradutor como fácil provavelmente você vê as línguas como “formas mecânicas” (nesse caso, toda língua tem um correspondente a ela em qualquer outra língua), e se fosse mesmo assim, haveria necessidade de nossos cérebros humanos trabalharem para tradução? Obviamente não, pois os computadores teriam uma “fórmula” para calcular o correspondente de cada palavra em cada língua diferente. Para entender o raciocínio, passemos a tentar encontrar um correspondente léxico para a palavra “saudade” do nosso português para o inglês. O que você me diria? Somos ensinados que a palavra saudade não existe no inglês, e pensamos: mas eles não sentem saudade? Como o tradutor vai agir se ele não tem uma palavra correspondente para traduzir saudade? E as máquinas, como ficariam nesse caso se não existem componentes para aplicação de sua fórmula?

Pensemos nas considerações de Oustinoff (2011, p.130) que nos ajuda a reforçar nossas considerações: “ao passar de uma língua para outra, somos sempre condenados a “dizer quase a mesma coisa”, como indica o título do livro de Umberto Eco, *Dire quase la stessa cosa*. É esse “quase” que faz toda a diferença.”

Sem esse “quase”, as línguas não passariam de uma nomenclatura, e a tradução se reduziria a uma simples transcodificação termo a termo, tarefa tão repetitiva quanto entediante e que qualquer máquina seria capaz de fazer muito melhor que um ser humano. Bastaria, então, conhecer as línguas em questão para poder passar indiferentemente de uma para outra. Com esse “quase”, o domínio das línguas é uma condição necessária, mas não suficiente, para a tradução. (OUSTINOFF, 2011, P.130)

Logo, como traduzir a palavra saudade de modo que ela represente a mesma coisa na língua inglesa? Como traduzi-la a partir desse “quase”? Este questionamento já mostra que não se deve tratar a tradução como um ato fácil. A tarefa do tradutor é árdua porque a tradução em si é complexa, e exige do tradutor que ele conheça não apenas as duas línguas que direciona para trabalho, mas suas culturas, variedades linguísticas, ditos populares, etc. Para traduzir a palavra saudade, o tradutor precisa encontrar algo que corresponda à ideia representativa da palavra, no inglês comumente é utilizada a expressão “I miss you” para dizer que sente falta de alguém, se você sente falta, você sente saudade.

Provavelmente os aplicativos utilizados hoje em dia permitam já uma definição para esta tradução, contudo, indubitavelmente estes aplicativos não trarão uma tradução para “filho de peixe, peixinho é”, pelo menos não no sentido que esta expressa. E o que significa este provérbio em nossa cultura? O provérbio faz alusão aos filhos que sempre sairão parecidos com seus pais, então como

encontrar algo em inglês que traga o mesmo sentido? Certamente cada país possui seus próprios provérbios e costumes para se referir a algo ou significar algo. No inglês se tem algo aproximado da ideia do nosso provérbio em português : “*The apple doesn't fall far from the tree*” (a maçã não cai longe da árvore), nesse caso a maçã não cai longe da árvore, mas perto dela (tendo assim uma relação de proximidade com a árvore) assim comparado ao peixe que não sairá diferente (ou longe) de seu pai.

Discutiremos nessa monografia, um conceito para tradução, que não signifique a substituição de algo em uma língua por outra, como se todas as línguas possuíssem o mesmo sistema linguístico, mas que considere as situações colocadas em seu contexto e sentido. Desse modo nosso foco se volta ao estudo da tradução para dublagem, e para chegarmos a este precisamos sim debater sobre o que significa traduzir, porque antes da dublagem vem antes o processo de tradução.

Em um outro processo temos a ocorrência da dublagem e também da legendagem, ambas conhecidas como tipos de tradução audiovisual, a saber como sua utilização é relevante, uma vez que na legendagem temos a possibilidade de uma plateia surda poder ter acesso a um produto estrangeiro, ao passo que um público infantil ou que desconhece qualquer língua estrangeira possa desfrutar de um filme, desenho animado, novela, seriados, etc. em sua língua fluente a partir do processo de dublagem.

Nosso trabalho começou com a coleção de filmes da saga Harry Potter, e a partir disso escolhemos um objeto de estudo (o primeiro dos filmes), buscamos e selecionamos um *corpus* para análise (doze casos de quarenta e uma ocorrências de divergências entre texto original e texto dublado), com base na emergência nesses doze exemplos, além de nos debruçarmos sobre teorias e estudos referentes aos processos de dublagem, legendagem, tradução e maneiras de conduzi-la (como o estudo da adaptação, equivalência, estrangeirização, domesticação, tradaptação). Esperamos que nosso trabalho possa contribuir com os estudos da tradução à luz das teorias que já vem sendo estudadas em torno dela.

Este trabalho monográfico está dividido em seis partes, incluindo esta apresentação e as considerações finais, e quatro capítulos a saber: tradução: campo, práticas e tipos, que subdivide-se em três subcapítulos; a dublagem como tradução, que subdivide-se em sete subcapítulos; Dublagem em Harry Potter: o método; e Harry Potter: dublagem, escolhas e magia. Além de conter também as referências e apêndice. Nesta apresentação exibimos um breve aporte da composição deste trabalho, conduzindo também a uma sucinta reflexão quanto à ocorrência da tradução.

No capítulo um, intitulado “Tradução: campo práticas e tipos”, mostraremos de maneira reflexiva como chegamos a uma definição de tradução, assim também apresentando os tipos de tradução propostos por Jakobson (1959): intralingual, interlingual e intersemiótica. Discutiremos também quanto a tradução livre e a literal, baseando-nos nas considerações de Rónai (1987), Arrojo (2007), Berman (2007) e Kahmann (2011). Dispomos também de maneira sucinta e clara quanto a tradução audiovisual

e seus dois tipos mais utilizados: a legendagem e a dublagem, fundamentando nossa pesquisa a partir dos estudos de Barros (2006), Ramalho (2008), Silva (2013) e Farias (2014).

O capítulo dois tem como título “a dublagem como tradução”, nele resgatamos um breve histórico da existência da dublagem no Brasil e no mundo com base nos estudos de Lessa (2002), Capobianco e Vasconcelos (2010), Freire (2011), Porto (2011) e Nascimento (2014). Discutimos ainda no mesmo capítulo como acontece o processo de dublagem e o processo que a antecede: a tradução, mostrando as técnicas e ferramentas que facilitam o trabalho do tradutor. Destas ferramentas explicitamos a equivalência segundo Rieche (2004), Barros (2006), Oliveira (2007) e Kahmann (2011); a adaptação segundo Barros (2006); a domesticação e estrangeirização segundo Freitas (2008); e a adaptação nos estudos de Frio (2013).

No capítulo três intitulamos “Dublagem em Harry Potter: o método”, é neste capítulo que fazemos nossas considerações de como foi realizada a pesquisa, desde o primeiro momento para definir qual objeto trabalhar até a concretização de como trabalhá-lo, a disposição do *corpus*, sua organização e seleção. E por fim apresentamos em nosso último capítulo denominado “Harry Potter: dublagem, escolhas e magia” o processo de análise do *corpus* coletado, mostrando as ferramentas utilizadas pelo tradutor e dublador para escolha da tradução a ser introduzida na dublagem do filme escolhido como objeto de análise.

## 1. TRADUÇÃO: CAMPO, PRÁTICAS E TIPOS

Sabemos do quanto pessoas ao redor do mundo estão ligadas a canais de TV e principalmente da internet, a buscar conteúdos audiovisuais variados. Filmes, seriados, desenho animado, ou o que mais lhes sirva para entretenimento, ou ainda para a diversidade de conhecimentos (como documentários, por exemplo). Com o advento das tecnologias da comunicação, o mundo torna-se interligado em questão de segundos, e assim, os consumidores não se limitam aos conteúdos nacionais. Todavia, quando há a língua como obstáculo, a busca pelo conteúdo audiovisual estrangeiro pode se dar pelo material legendado ou dublado. Por outro lado, para que um produto audiovisual alcance maior número de público, portanto, é necessário que o produto passe pelo processo de tradução. É sobre os processos de tradução de audiovisual e, em particular, sobre a dublagem, a que nos dedicamos nesse capítulo.

### 1.1 Buscando um conceito para a tradução

Para pensarmos modalidades específicas de tradução é necessário pensar um “conceito” para tradução. De acordo com Guerini e Costa (2006), traduzir designa, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos, ou inclusive, dentro de códigos. No processo de tradução de uma língua a outra devem ser levados em consideração não apenas o valor “léxico”, mas (principalmente) o valor “semântico”, logo, traduzir é transmitir informações de uma língua a outra, respeitando a intenção comunicativa do texto original, adaptando, quando necessário, os aspectos culturais que incidem sobre os linguísticos do texto. Dentro de uma mesma língua podemos observar diversas variações linguísticas, a exemplo, palavras desconhecidas em uma determinada região de São Paulo por alguns moradores de regiões nordestinas ou vice e versa, e assim podemos entender a “tradução” que ocorre em uma mesma língua.

Há autores que tratam a tradução como uma “forma ilegítima”, isto é, que defendem que a tradução não pode existir porque, ao transferir informações de uma língua a outra, acaba-se perdendo a essência do produto original. Como exemplo temos Hermans (1996, apud Waquil, 2014) que trata a tradução como uma ilusão:

A tradução nunca coincide com sua fonte, não é idêntica ou equivalente em nenhum sentido formal, e permanece sendo vista como a noção de um discurso correspondente a outro. Mas a ilusão está aí: é o que nós, em nossa cultura, aprendemos e entendemos como tradução. (HERMANS, 1996, p.196 apud WAQUIL, 2014, p.74).

O modo como Hermans faz tal afirmação nos dá a entender que a tradução pode ser uma “invenção” ou “criação” da mente humana. Dessa forma, a tradução perde seu valor como um evento significativo e importante. Contudo, devemos antes levar em conta as dominações mercantilistas e filosóficas. A fim de desenvolver negociações entre nações é necessário que haja comunicação entre as mesmas, e para que isso aconteça, as nações precisam entender o que falam e do que falam. Nesse sentido, um documento que chega de uma nação à outra, em uma língua diferente, precisa ser compreendido para que haja as devidas comunicações.

Ainda para ilustrar o poder político da tradução, em épocas passadas, líderes religiosos dominavam nações ensinando valores que atendessem a seus propósitos, pois a Bíblia sagrada nunca era traduzida para a língua de destino, os fiéis acreditavam no que estava escrito em uma língua desconhecida. Para ilustrar, William Bedell, clérigo inglês, ao chegar à Irlanda por volta de 1627, ficou intrigado em ver o país com predominância católica ser governado pela Grã-Bretanha, protestante. O fato, é que toda a Europa já havia recebido a tradução da Bíblia de acordo com o seu idioma, mas, a Irlanda, não. Bedell decidiu traduzir a Bíblia para o irlandês e encontrou resistência de alguns influentes.

Mesmo sob o pensamento do estado que dizia: “Usar o irlandês era perigoso para o Estado e outros disseram que isso era contra os interesses do governo. Alguns acreditavam que era conveniente para a Inglaterra que os irlandeses continuassem na ignorância.” (BÍBLIA, 2015, pág. 11), Bedell, então Bispo de Kilmore, continuou com seu projeto. O Bispo era erudito em hebraico, e escolheu dois nativos do irlandês para auxiliar na tradução. A Bíblia de Bedell foi a primeira completa na língua irlandesa.

Essas reflexões além de apontar para uma definição prática e exemplificar o processo de tradução, também informam sua importância e significação para as relações humanas. Logo, traduzir não é apenas passar informações de uma língua a outra, mas estabelecer pontes comunicativas, preservando/manipulando saberes e escritos que possam ser compartilhados entre todos.

Associados ao processo de tradução estão duas orientações: a tradução literal (doravante TLT) e a tradução livre (doravante TLV). Chama-se TLT toda tradução que obedece ao pé da letra o significado fiel de um vocábulo, enquanto na TLV é permitido que o tradutor possa moldar a tradução de acordo com a intenção comunicativa, levando em consideração o sentido. Essas práticas levam à discussão sobre a fidelidade da obra traduzida em relação ao original. Poderíamos ligar tradução livre ao que é infiel, e a tradução literal aquilo que é fiel? Berman propõe uma metáfora que podemos comparar com tal problematização: “Ser fiel a um contrato significa respeitar suas cláusulas, não o espírito do contrato.” (2007, p.70). Ao tratar a tradução livre como infiel, estaríamos apontando que há diferenças entre um texto original e sua versão traduzida? Devemos, então, ter cuidado.

Por sua vez, Arrojo (2007) articula uma interessante reflexão baseada nos escritos de Nida (1975). Nida compara as palavras a uma fileira de vagões de carga, na qual os vagões

recebem a carga de maneira irregular. Cada vagão pode carregar muita ou pouca carga, ou se a carga for muito grande pode ser distribuída entre os vários vagões. Do mesmo modo, “algumas palavras carregam vários conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um”. (ARROJO, 2007, p.12). Assim como no transporte de cargas, o importante é a chegada do material ao seu destino e não a ordem em que estão dispostos ou quais vagões carregam quais cargas, afinal, a relevância no “processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua alvo”. (ARROJO, 2007, p.12). Arrojo vê nesta forma uma visão tradicional e que pressupõe uma teoria da linguagem.

A visão trazida por Arrojo se complementa com três princípios básicos estabelecidos por Alexander Fraser Tytler que definem uma boa tradução, quais sejam: a) a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original; b) sugere que o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e c) a tradução deve ter toda fluência e a naturalidade do texto original (ARROJO, 2007, p.13). Essa visão tradicional associa tradução à transferência de significados de uma língua para outra, mas como pudemos observar no tópico anterior, quando discutimos sobre um conceito para tradução, percebemos que traduzir não é apenas isto, ainda assim, não podemos deixar de considerar tais visões, pois tiveram papel relevante para os escritos e estudos da tradução. E por ser intensamente vasto o campo da tradução, o tradutor não deve deixar de considerar as várias propostas, antes analisá-las e observar quais lhe são pertinentes em seu trabalho.

Uma possível solução para a compreensão da tradução livre como infiel é dada por Andrea Kahmann (2011). A autora usa o provérbio da língua espanhola “de tal palo, tal astilla”, o qual numa tradução literal seria traduzido “de tal pau, tal farpa”. Comumente conhecido pelos falantes da língua espanhola, no Brasil o ditado encontra sua forma aproximada em “tal pai, tal filho”. Para que o tradutor possa aproximar um brasileiro do original espanhol, ele precisa conhecer não somente a língua de destino de uma tradução, mas também a língua “mãe” de um texto, e tal conhecimento estende-se também a seu “mergulho cultural” nas duas línguas. As duas expressões possuem o mesmo significado/sentido, apenas foram ditas “palavras diferentes”. Provavelmente, poucos compreenderiam o sentido da expressão caso fosse traduzida de forma literal, por isso Kahmann (2011) traz que a “fidelidade” da tradução está mais associada à reprodução dos mesmos efeitos em detrimento da escolha das mesmas palavras.

Retomando a metáfora utilizada por Berman, considerando que “as cláusulas do contrato” representam o léxico, portanto, a fidelidade está relacionada à tradução literal. Para o autor, ser fiel ao “espírito” de um texto é uma contradição, posto que “fidelidade e exatidão

se reportam à literalidade carnal do texto” (BERMAN, 2007, p.71). Analisando desta maneira, podemos entender que o sentido estaria desvinculado de seu léxico, o que não pode acontecer, por exemplo, quando encontramos palavras que apenas poderão ser desvendadas de acordo com o contexto no qual estão inseridas. Palavras polissêmicas podem permitir várias interpretações, e a interpretação de seu sentido em um contexto é que garante o entendimento de sua “mensagem” em um texto. De acordo com Paulo Rónai:

Só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor que se limitasse a uma simples transposição de palavras ou expressões de uma para outra. Mas línguas assim não há, nem mesmo entre os idiomas cognatos. As inúmeras divergências estruturais, existentes entre a língua do original e a tradução, obrigam o tradutor a escolher, cada vez, entre duas ou mais soluções, e em sua escolha ele é inspirado constantemente pelo espírito da língua para a qual traduz. (1987, p.21).

De acordo com essa proposição, não podemos dizer que a tradução livre altera o contexto semântico de compreensão de um “dado linguístico” – o texto a ser traduzido. Assim, a tradução pode ser identificada como “infidel” no sentido de que cada língua assume particularidades estruturais próprias, uma vírgula, por exemplo, utilizada no dado linguístico mãe, pode não ser necessária na tradução da língua destino. Por outro lado, Berman (2007) afirma:

Partir do pressuposto que a tradução é a captação do sentido, é separá-lo de sua letra, de seu corpo mortal, de sua casca terrestre. E optar pelo universal e deixar o particular. A fidelidade ao sentido opõe-se - como para o crente e o filósofo - à fidelidade à letra. Sim, a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra. (BERMAN, 2007, p. 32).

Essa afirmação de Berman (2007) permite defender que a tradução é um processo que não deve considerar apenas a literalidade do texto, ou apenas seu sentido, mas que os dois devem andar de “mãos dadas”. Entendemos, então, o ato de traduzir como algo que se estende para além do conhecimento e comparação entre as estruturas de duas línguas ou mais, traduzir é conhecer o exterior e interior das línguas postas para trabalho. Um saber de reflexão e experiência mergulhadas ao intercultural. Aquele que traduz conhece o léxico, mas também os diversos modos que cada léxico pode representar, e deve conhecer os costumes culturais/linguísticos das línguas, sempre atualizados, e por isso, ter cuidado ao traduzir livremente ou literalmente, pois, não se deve acrescentar ou subtrair no texto traduzido, assim



como não se deve colocar palavras que não cite ideias ou sentido ao texto fonte a ser traduzido.

## 1.2 Tipos de tradução e os princípios dessa prática

Nesta seção exploraremos algumas considerações de teoria da tradução. Para tanto, distinguiremos os três tipos de tradução propostos por Jakobson (1959 apud OUSTINOFF, 2011): a tradução intralingual (I), a tradução interlingual (II), e a tradução intersemiótica (III). **A tradução intralingual** acontece quando há a interpretação de signos verbais não conhecidos por meio de outros signos da mesma língua para trazer a compreensão do significado de tal signo. É como foi discutido no tópico anterior quando ocorre a tradução dentro de códigos. **A tradução interlingual** é o que podemos chamar de tradução “propriamente dita”, esse tipo de tradução se concentra na interpretação dos signos verbais (de um dado linguístico de uma língua fonte) por meio de alguma outra língua. **A tradução intersemiótica** propõe que os signos verbais sejam interpretados pela utilização de signos não verbais, como é o caso das adaptações dos livros do Harry Potter para os filmes.

Os três tipos de tradução propostos por Jakobson são exemplificados por Oustinoff (2011) com o caso do jornalista, que talvez tenha de praticar todas as formas de tradução quando relata as proposições de um outro (intralingual); quando precisa traduzir de uma outra língua a sua (interlingual); e quando ele traduz em palavras aquilo que ele presenciou ou viu em campo (intersemiótica).

Não há dúvidas que o campo da linguística contribuiu significativamente para os estudos da tradução, e que vários estudiosos tomaram o assunto para trabalho. Oustinoff (2011, p.59) conta que foi “Graças a linguística que surgiram as primeiras descrições suficientemente detalhadas das operações às quais os tradutores procedem.” O crescimento da linguística no século XX permitiu aos estudiosos da tradução ferramentas de análise em seu campo de estudo. O primeiro manual de tradução a ser publicado foi “*Stylistique comparée de l’allemand*” de Alfred Malblenc (1944), e seguia o método indutivo. Nele, a teoria não seria suficiente, seria necessário partir dos fatos, então, eram usadas traduções realizadas de tradutores profissionais comparando-as com os textos originais para se observarem as transformações realizadas.

Outros estudiosos questionaram a natureza da tradução, se arte literária, ou uma operação linguística. Catford (1965 apud OUSTINOFF 2011, p.58) dizia que tradução é uma

questão de linguagem, e como a linguística trata da linguagem, a tradução seria um objeto da linguística. Já Edmond Cary (1958, apud OUSTNOFF, 2011, p.58) defendia que “a tradução literária não é uma operação linguística, mas literária”. Georges Mounins (1963, apud OUSTNOFF, 2011, p.59), linguista, por sua vez, considera as duas operações, pois a tradução opera como uma arte baseada em uma ciência. De qualquer modo, grande parte de escritos e tradutores tiveram base linguística para procederem em seus estudos.

Gostaríamos de chamar atenção para perspectiva de Christiane Nord (1997 apud ZIPSER; POLCHLOPEK 2008). A teoria de Nord tem como base estudos centrados no funcionalismo, para o qual a tradução se dá de “maneira mais comunicativa”. O funcionalismo, de modo geral, toma como base a:

função comunicativa que certas estruturas linguísticas exercem dentro de um determinado contexto e da análise das estruturas que cooperam para realizar esta função, caracterizando a intenção pragmática (concreta) do usuário da língua. (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p.8)

Nord (1997) entende a tradução como um processo conjunto e constante de leitura tanto do texto fonte como do texto traduzido, e inclui também aspectos externos e internos de cada um, além de sua função. Assim, resolve que o funcionalismo é um meio de “focalizar a função (ou funções) dos textos e das traduções”. Isto é, o contexto ou a situação em que os usuários da língua se encontram é que vai definir qual a função do texto, traduzido ou não. Para tentar simplificar as considerações de Nord, deve-se primeiro analisar a função que o texto fonte coloca aos leitores da língua fonte, para depois observar que função este texto deverá desempenhar para os leitores da língua de chegada.

São muitas as considerações que se tem para os estudos da tradução e, como os estudiosos abordam em suas exposições, não existe uma teoria concreta geral para a área, mas várias teorias da tradução. Um campo vasto e que cabe ao tradutor utilizar o que é mais coerente com o que lhe é posto para trabalho. A seguir, esboçamos nossas escolhas para a tradução para dublagem.

### **1.3 Tradução audiovisual: legendagem e dublagem**

Como o foco deste trabalho diz respeito, de modo geral, ao processo de tradução para dublagem faz-se necessário explanarmos sobre a tradução audiovisual. A tradução audiovisual subdivide-se em legendagem e dublagem. De acordo com Carvalho (2005 apud RAMALHO, 2008, p.2), pode-se definir a tradução audiovisual como o conjunto de práticas que envolvem

a tradução oral e escrita de programas e filmes. Na legendagem, o tradutor tem o papel de traduzir as falas de uma produção audiovisual, transformando o texto oral (da língua original) em texto escrito (da língua destino).

Na legendagem o texto traduzido é apresentado no lado inferior da tela enquanto mantém-se o áudio original, apresenta menor custo em relação à dublagem porque normalmente para a atividade é necessário apenas a atuação do tradutor, assim comenta Farias (2014). Deste modo também, não podemos considerar um trabalho “fácil” o de legendagem, pois além do processo de tradução, sua concretização exige particularizações técnicas que devem ser levadas em consideração para o processo e que podem variar dependendo do estúdio:

As legendas possuem especificações técnicas para poderem ser usadas: a quantidade de caracteres usadas em uma mesma linha; o tempo de entrada, saída e de exposição da legenda; a posição que a legenda ocupará na tela e o tamanho e fontes corretos a serem utilizados pelo texto e a forma de adaptação do discurso falado para o escrito são alguns exemplos. (PORTO, 2011, p. 37)

Barros (2006) diz que a síntese é a chave da tradução para legendagem, o tradutor precisa trabalhar para garantir que o espectador assista a produção audiovisual sem perder as cenas da produção, por isso não pode colocar texto demais e também não deve colocar “de menos” para não prejudicar a compreensão do espectador. Portanto, o texto da legenda deve ser constituído por enunciados simples, “pressupondo que o tradutor tenha habilidade para condensar, omitir e parafrasear, para que o sentido das frases não se perca” (BARROS, 2006, p.66).

Para pessoas com necessidades especiais, como é o caso daqueles que possuem problemas auditivos, a legendagem seria a melhor escolha, e não podemos deixar de observar que a legendagem permite, por exemplo, a um conhecedor da língua fonte, perceber equívocos cometidos pelo tradutor, o que não se nota na dublagem, já que podemos entendê-la como um “apagamento” da língua de partida para substituição pela língua de chegada.

Na dublagem são utilizadas as falas na língua de chegada, a qual substitui a língua de partida, por meio da edição do produto, e o tradutor leva em consideração principalmente a sincronia entre o texto e a fala a serem gravados, para que dessa forma haja coerência entre o som proferido e o movimento labial. Silva (2013) alega que a técnica da dublagem permite que conteúdos sejam adicionados ou omitidos sem haver a mínima percepção do telespectador. Ramalho (2008), ao discorrer sobre dublagem, faz referência às colocações de Araújo (2001) quando a autora apresenta quatro fatores que influenciam a tradução audiovisual, que são o sincronismo; o volume de texto; os aspectos técnicos; e o papel dos profissionais envolvidos no processo.

O primeiro trata da simultaneidade das falas, onde os dubladores devem agir com naturalidade, assim texto e fala devem estar de acordo. O segundo fator trata da coerência entre a quantidade de palavras proferidas, uma vez que a versão dublada deve estar de acordo com a versão original ou aproximada. O terceiro determina que todo o processo não é simples e necessita de uma equipe técnica qualificada, tem-se o tradutor, o dublador, o técnico em sonoplastia e mixagem, além do diretor de dublagem. O quarto fator trata de como cada integrante do processo deve agir, cabendo ao tradutor tornar a versão de texto a ser dublada equivalente – em sua intenção comunicativa - à versão original, e ainda, caso julgue necessário, o dublador pode adaptar o texto traduzido de modo que texto e fala estejam interligados.

Há várias possibilidades para áreas de estudos da tradução que intencionam orientar pesquisadores em suas respectivas áreas, e a tradução audiovisual está dentro da área conhecida como tradução de multimídia, envolvendo som e imagem. Falamos acima das duas possibilidades mais conhecidas de tradução audiovisual, a legendagem e a dublagem. Como uma ou outra é escolhida, fica a critério do que é colocado em cada localidade. Silva (2013) traz as observações de Chaume (2004), que diz que a escolha entre uma e outra modalidade varia de acordo com alguns fatores: o nível de alfabetização por exemplo dificultará que o público acompanhe as legendas ou ainda não favorece aos não alfabetizados. O nível econômico seleciona aquilo que lhe convém financeiramente, pois, o custo da legendagem é menor que o da dublagem. Um terceiro fator está relacionado ao nível cultural, pois um público com maior instrução poderia desfrutar de uma arte em sua forma original, e a legendagem permite mais esse contato que a dublagem.

Outro fator colocado por Chaume (2004, apud SILVA, 2013, p.11) sugere a reivindicação política da língua, o autor traz como exemplo a França, onde a dublagem é obrigatória para preservação de sua língua, assim, a dublagem impede a “invasão linguística, política e cultural”. E finalmente o autor traz como outro fator as questões políticas, nesse caso, a dublagem servirá como uma barreira que protege contra influências externas, permitindo que seja colocado aquilo que é conivente com a política local.

A tradução já foi considerada um campo exclusivamente da escrita, com estudos para textos técnicos e literários dentre os mais notados. Nota-se que são poucas as pesquisas que falam da tradução na relação com a oralidade. Nesse contexto, a modalidade de tradução audiovisual é uma das mais populares em decorrência da disseminação das tecnologias mediadas por tela e dentre suas possibilidades, nosso trabalho se dedica à dublagem. Por isso, precisamos compreender sua história, a série de procedimentos técnicos e o trabalho do conjunto de vários profissionais envolvidos em sua produção. A isso nos dedicamos no capítulo seguinte.

## **2. A DUBLAGEM COMO TRADUÇÃO**

Os produtores de um trabalho audiovisual não pretendem deixar sua arte para apreciação de um único público, logicamente, seu interesse busca em seu trabalho o maior número de visualização possível. Assim chegamos ao processo de dublagem, definido por Silva (2013) como a substituição das vozes originais de uma produção audiovisual por vozes e interpretação em outra língua. Para o autor, a dublagem trabalha com o apagamento do texto de partida da trilha sonora de uma obra, permitindo que o conteúdo seja moldado de acordo com o público alvo sem que este o perceba. O processo envolve uma linha de técnicas e profissionais, o que acrescenta a dublagem relevância ao analisá-la.

Mas, a dublagem ou dobragem (como é conhecida no português europeu) não é a simples substituição de um áudio por outro: é um trabalho técnico que permite a troca do áudio original de uma produção por outro áudio que permita a compreensão do público consumidor, seja ele na mesma língua a qual originalmente foi produzido, ou em outra língua que atenda a plateia a qual o produto está destinado a ser consumido. Nele, voz e movimento estejam sincronizados, isto é, a entonação e o movimento dos lábios devem estar de acordo com o áudio proferido. Assim, por se tratar de um trabalho técnico e que demanda cuidado e profissionalismo, a técnica da dublagem merece respeito e credibilidade como qualquer outra área de trabalho. A seguir veremos como essa modalidade de tradução surge na indústria audiovisual, suas características e procedimentos tradutórios.

### **2.1 A dublagem no mundo**

“A dublagem sempre caminhou com o cinema”, é o que conta Felipe Porto (2011). De acordo com autor citado, a origem da dublagem se dá ainda com o cinema mudo, onde os filmes eram projetados sem haver sincronização de som com a imagem, orquestras eram colocadas para fazerem o acompanhamento musical das cenas dos filmes, e uma técnica que se aproximava da dublagem trazia atores que ficavam atrás das telas de cinema para interpretarem as suas falas (em tempo real). Contudo, a técnica da dublagem surge apenas com a criação do cinema falado. Em 1927, o primeiro longa-metragem que foi produzido totalmente falado foi o filme “O cantor de Jazz”. O som do

filme foi gravado separadamente da imagem e era reproduzido durante a exibição do filme.

O cinema falado começou a fazer sucesso pelo mundo, porém, os produtores enfrentaram um problema em relação à distribuição dos filmes: a língua falada. Uma das soluções encontradas na época foi a refilmagem. Atores eram contratados para produzirem o filme de acordo com a língua destino de distribuição, o que não deu muito certo devido ao alto custo financeiro. Assim, a dublagem técnica tem sua origem. É em 1929, na cidade de Joinville, França que é criado o primeiro estúdio de dublagem, pouco depois, outros estúdios de dublagem começam a se instaurar pela Europa. Anos mais tarde a técnica começou a ser utilizada em outros continentes, de acordo com Porto (2011), na América, por exemplo, o México se torna referência de dublagem em castelhano, na cultura oriental o Japão adere com força a técnica num período que vai dos anos 60 a 80.

Uma curiosidade interessante a contar sobre a história da dublagem data de sua “primeira aparição”. Sobre isso, Capobianco e Vasconcelos (2010), dizem que a dublagem surgiu por acaso em 1908, na Espanha, quando durante a exibição da comédia “Os competidores”, atores ficaram atrás da tela e emprestaram suas vozes aos personagens, tentando sincronizar suas falas com o movimento labial dos personagens do filme. O que começou com uma brincadeira, que foi o verdadeiro intuito naquele momento, tornou-se uma ideia técnica anos mais tarde.

No Brasil, é com o filme animado Branca de Neve e os sete anões que a dublagem ganha entrada no país, em 1938 nos estúdios da CineLab, no Rio de Janeiro. Abordaremos em detalhes esse assunto no próximo tópico.

## **2.2 História da dublagem no Brasil**

O entretenimento audiovisual chegou ao Brasil por volta de 1929, quando aconteceram as primeiras exibições sonoras no Rio de Janeiro e em São Paulo. De acordo com Nascimento (2014), adotar a nova forma de ver cinema no país foi um pouco difícil devido à língua estrangeira presente nos filmes, além da modernização dos equipamentos que produziam o som. A autora comenta que, a princípio, muitos criticaram o cinema sonoro justamente pelo público não compreender a língua estrangeira presente nos filmes. Ainda assim, houve grande sucesso de público, o que contrariava as expectativas de críticos da época.

Para chegar ao entendimento da plateia, propôs-se o uso de legendas nos filmes. Em pesquisa, Costa (2008 apud NASCIMENTO, 2014) diz que Paulo Benedetti – empresário de cinema – sugere o uso de legendas para os representantes da MGM no Brasil. Nascimento diz que a legendagem era algo que transformava o modo de ver do público, uma vez que “ao acompanhar as legendas, parte do filme deixa de ser visto para ser lido, interferindo na compreensão audiovisual como um todo” (NASCIMENTO, 2014, p. 90). Surge, então, o cinema falado brasileiro, onde seria dado espaço ao nacional; o cinema seria falado, mas em português. Em 1929, filmes dirigidos por Luiz de Barros, trazem a proposta de um sistema brasileiro de sonorização de filmes.

Mesmo com o surgimento das produções nacionais, filmes estrangeiros eram apresentados nas salas de exibição brasileiras. Segundo Freire (2011) o impacto provocado pelos filmes norte-americanos consolidava a dublagem nos principais mercados internacionais, o custo financeiro e a melhoria da técnica fizeram com que países como França, Alemanha e Itália criassem leis de obrigatoriedade da dublagem em seus territórios. No Brasil, os acontecimentos para o caso passavam-se lentamente, mas também existiram defensores para a obrigatoriedade da técnica da dublagem no país. Um dos principais defensores, Almeida Filho, então dono de uma empresa em Nova Iorque, realizou algumas dublagens em português para longas dos estúdios da Paramount lançados no Brasil. O que o fez receber muitas críticas, sobretudo pelos dubladores utilizados serem considerados amadores (portugueses e brasileiros que moravam nos Estados Unidos).

Já nos anos 1930, a legendagem estava consolidada no país, e em 1936, começa uma nova tentativa da técnica de dublagem no país, desta vez, através da Distribuidora Nacional (D.N), quando filmes como “O grande Nicolao” e “A cadeira elétrica”, dublados em Portugal, faziam uma nova entrada. Contudo, devido à produção da técnica ter sido realizada por portugueses, o processo não foi recebido com entusiasmo no Brasil. Embora o diretor da D.N na época tivesse prometido a realização da técnica por artistas brasileiros, a proposta não foi a frente, pois aparentava-se não compensar o investimento financeiro.

É finalmente, em 1938, que temos uma proposta de dublagem “fiel a característica brasileira”. A criação do departamento de dublagem da Sonofilms com Moacyr Fenelon, preparou o primeiro longa-metragem sonoro e dublado na língua

utilizada pela população brasileira: Branca de Neve e os sete anões. Participaram da produção cantores, radialistas e atores, dentre os quais Dalva de Oliveira, que interpretava Branca de neve, Carlos Galhardo, que interpretava o príncipe, e Almirante, que interpretava o espelho e o Mestre. Não podemos deixar de mencionar outro participante do processo, o Braguinha, foi ele quem escolheu o elenco de vozes no Brasil para o filme, além de adaptar as oito canções para o idioma nacional. Carlos Alberto Ferreira Braga (Braguinha), também conhecido como João de Barro, era compositor, atuou também como roteirista e assistente de direção em filmes da Cinédia. Braguinha nasceu no Rio de Janeiro e foi o principal responsável pela dublagem do filme animado Branca de Neves em 1938. Além deste, atuou também nas versões brasileiras de outras produções.

Por volta de 1942, outro filme é dublado: Dumbo (também animação). O processo, de acordo com Freire (2011), era praticamente o mesmo: recebiam a tradução dos diálogos e vários discos que traziam os efeitos sonoros de diálogos originais do filme, eram escolhidos os dubladores brasileiros para início da produção. Outros trabalhos como Bambi e Pinóquio acompanharam a utilização da técnica e tiveram também a participação de Braguinha.

A partir do trabalho com Branca de Neves (1938), as críticas começaram a abrandar, sinalizando um possível futuro para a dublagem no país. Salientamos que, até o momento, a técnica da dublagem utilizada era exclusivamente para animações, e filmes com atores ainda eram legendados. De acordo com Lessa (2002), em 1950, quando a TV ganha espaço, havia a necessidade de adaptar o conteúdo estrangeiro às condições nacionais. Os filmes passavam na TV com legendas, mas a qualidade da imagem tornava difícil a compreensão das letras, então, no início dos anos 1960, Jânio Quadros, presidente do Brasil, decretou obrigatoriedade da dublagem para a televisão sobre os produtos audiovisuais vindos do exterior. Logo surgiram os primeiros estúdios de dublagem no país, no eixo Rio- São Paulo, os conteúdos passaram a ser vistos por um público maior e a TV se expandia a quase todas as classes.

Dentre tantos estúdios produtores de dublagem no país, podemos citar a Gravasom, que teve início em 1958 quando as primeiras séries e desenhos começaram a ser dublados no Brasil, o início da série Os Flintstones foi dublado pela Gravassom. O estúdio funcionava em São Paulo, mas faliu em 1962. Após o fechamento da Gravassom seus estúdios foram comprados por outra empresa, comentada por Lessa



(2002): a AIC (Arte Industrial Cinematográfica). Fundada a partir da Gravasom, é na AIC que as melhores dublagens são realizadas até hoje. Outros estúdios para realização da técnica surgiram, como a Dublasom que dublou “Scooby Doo Cadê você”, mas fechou nos anos 70. Herbert Richers é quem concentrava grande parte das produções vindas do exterior e foi ela a responsável pela dublagem das séries “Família Dinossauro” e “Um maluco no pedaço”, a empresa atuou até 2009, após a morte de seu fundador. O SBT criou um departamento para dublar as produções estrangeiras, a exemplo da Maga, dirigida por Marcelo Gastaldi. Esta empresa adaptava os seriados infantis Chaves e Chapolin, além das famosas novelas mexicanas exibidas pela emissora, mas, com a morte de Gastaldi, fechou em 1995. Outras tantas casas de dublagem surgiram no país, e concentram-se especificamente no eixo Rio-São Paulo. É nesse eixo em que se encontra a Delart. A Delart foi fundada por Carlos de La Riva em 1972 sob o nome de Tecnisom, e é apenas em 1985 que recebe o nome de Delart. Foi o estúdio Delart Rio de Janeiro o responsável para dublagem do filme Harry Potter e a pedra filosofal.

A invenção de Jacob Carol que consistia em sincronizar áudio e imagem melhorou a sonorização dos filmes, tornando o cinema mais realista. Todavia, sua invenção também fez nascer a necessidade de atender ao público espectador que não compreendia a língua original do filme. Por isso, surge a dublagem e a legendagem. Divididas em função da recepção da oralidade e da escrita, essas modalidades de tradução audiovisual são totalmente diferentes em manifestações textuais e processos de produção. No próximo tópico, falaremos mais sobre a produção da dublagem propriamente dita.

### **2.3 O processo de dublagem**

Compreender a história da dublagem no mundo e no Brasil sinaliza a existência de processos específicos para tradução das faixas de diálogo dos audiovisuais. É sobre esses processos que nos dedicamos nessa seção. De modo amplo, existem duas formas de dublagem, tal como sugere Porto (2011): a sincronizada e a *voice-over*. Para aquela temos a substituição da voz de um personagem em que há sincronia entre o movimento labial e o som proferido criando uma ligação de sentido entre voz e personagem. Para a dublagem *voice-over* não há necessidade de sincronia, pois a voz original permanece, contudo, em volume menor, e a voz da língua a ser dublada aparece em primeiro plano,

de modo que as duas existam e atuam simultaneamente na produção. A forma de dublagem que adequa-se ao nosso objeto de pesquisa (a tradução para dublagem) é a primeira, a dublagem sincronizada.

O processo de dublagem passa por diferentes etapas para se chegar ao produto final, antes de chegar ao trabalho em estúdio o roteiro da produção audiovisual passa pelo processo de tradução, que é a primeira etapa do processo de dublagem, contudo falaremos adiante acerca desta primeira fase. Por agora, trataremos do trabalho realizado em estúdio, quando já se tem em mãos o roteiro traduzido para a versão na língua local. Lessa (2002) diz que o trabalho realizado em estúdio exige técnica por parte dos dubladores, de acordo com o autor esta técnica é uma mistura de interpretação, reflexo rápido e sincronismo. A seguir, detalharemos as fases processadas na dublagem.

Para a fase de estúdio, são as casas de dublagem que ficam responsáveis pelo trabalho. A casa de dublagem recebe o material de algum distribuidor em algum tipo de mídia acompanhado do script com as falas presentes no vídeo, junto da sonorização (músicas, efeitos sonoros, vozes). O tradutor contratado pela casa recebe estes materiais para início de seu trabalho: a tradução. Após a tradução, das mãos do tradutor o script traduzido vai direto para o diretor de dublagem. Com este material em mãos o diretor de dublagem escala os atores que irão dublar as cenas de acordo a voz necessária para a produção. Assim partem para a gravação, nesta etapa pode haver alteração do roteiro traduzido, de acordo com Porto (2011), isto ocorre, dentre alguns fatores, para que a fala se adeque ao tipo de personagem ou ao clima da cena. Outro fator é a mudança de palavras que não podem ser faladas, contudo, a informação original deve ser mantida.

Na hora da gravação o dublador entra sozinho no estúdio, observa e escuta a cena que vai dublar, grava e em seguida há a verificação do resultado, para caso seja necessário fazer novamente o processo de gravação. Terminada esta etapa, o material dublado segue para os processos de edição e mixagem onde os vídeos dublados serão editados, músicas do conteúdo, as falas, e efeitos sonoros são equalizados. Após essa fase, a produção segue para amostragem ao distribuidor; caso este aprove a produção, esta seguirá para salas de cópia e fechamento do material para as mídias disponíveis, e enfim seguir para as mídias tele comunicativas (TV, cinema, etc.). E se por acaso, o distribuidor não aprovar o material dublado que lhe é apresentado, este retorna ao estúdio para que o trabalho seja refeito.

Agora que já entendemos um pouco da produção em estúdio, passaremos a tratar das características da tradução para a dublagem em detalhes de prática e implicações linguísticas.

#### **2.4 A tradução para dublagem e suas características**

Antes mesmo de acontecer a dublagem propriamente dita de um material audiovisual, seus atores não a fazem ao acaso ou rapidamente, eles recebem em mãos o roteiro do texto na língua alvo como roteiro de suas falas. O texto original da produção é recebido e entregue aos profissionais que farão a tradução para depois ser entregue ao estúdio de gravação da dublagem. Mas como acontece esse processo? Neste tópico trabalharemos o processo de tradução para dublagem, esclarecendo minuciosamente suas caracterizações.

Para tratar do processo de tradução para dublagem tomaremos para análise o trabalho que é realizado em nosso país, o Brasil, tratando de acordo com as considerações de Farias (2014). Como sabemos, o material audiovisual é disponibilizado pela distribuidora que o entrega a empresa dubladora, esta por sua vez, entrega o material para o tradutor. O tradutor para dublagem recebe o vídeo original e o roteiro (contudo, este pode não ser disponibilizado), após sua tradução o material retorna ao diretor de dublagem que verifica o trabalho para observar se está de acordo com o que convém a produção, caso seja observado algum desacordo, o material retorna ao tradutor para reparo. A partir da aceitação do material traduzido, o diretor de dublagem contata a equipe dubladora, que receberá o roteiro traduzido para dar início a dublagem do produto audiovisual. E como o tradutor para dublagem procede?

Farias (2014) descreve que, aqui no Brasil, o tradutor do material audiovisual inicia seu trabalho a partir do código linguístico presente no áudio do filme, isto se deve ao fato de que na maioria das vezes o roteiro do produto a ser traduzido não é disposto pelo cliente. O trabalho deste profissional de tradução não se detém apenas a traduzir, mas também em todo processo tradutório analisar se sua tradução encaixa-se adequadamente com o movimento labial do personagem e sua gesticulação. Logo, a escolha de vocábulos está diretamente ligada às caracterizações do personagem (sua movimentação labial, corporal, facial), de modo que o tempo de fala esteja sincronizado ao diálogo proferido. Além disso, o tradutor precisa conhecer e analisar os elementos de maior relevância presentes na obra audiovisual, àqueles que a caracterizam, para

observar como traduzi-los adequadamente para a língua alvo. Assim, elementos linguísticos e/ou extralinguísticos escolhidos para serem utilizados pelo tradutor devem respeitar a intenção comunicativa da versão original da obra.

Farias (2014) aborda o pensamento de Nord (2009) quanto ao enfoque da correspondência cultural entre língua fonte e língua alvo. Para a autora, nem sempre o receptor da produção da língua alvo partilha de conhecimento de elementos da cultura da língua fonte, havendo a necessidade de moldar elementos culturais que tragam significado ao telespectador. Nesse sentido, o tradutor deve oferecer ao público um elemento referencial de sua cultura, para que haja compreensão na mensagem original tal como. As decisões tomadas pelo tradutor para situações como esta não são ao acaso ou para “embelezar” a produção, mas tem fundamentos técnicos que o profissional de tradução deve conhecer. Assim, é preciso conhecer algumas das dimensões consideradas pelo tradutor para fazer seu trabalho o mais adequado e próximo da mensagem transmitida na versão original da obra audiovisual.

#### **2.4.1 A equivalência**

Nos termos de Barros (2006), a equivalência consiste em substituir um segmento de texto da língua original por um outro segmento da língua alvo que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Para tratarmos sobre a equivalência buscamos os estudos de Oliveira (2007), nos quais a autora aborda três linhas teóricas de estudo sobre a teoria da tradução quanto à equivalência: a abordagem de orientação linguística, a abordagem histórico-descritiva e a corrente desconstrucionista. Começamos a trabalhar a partir dos estudos de orientação linguística, sobre a qual a tradução é tratada como ciência. De acordo com esta vertente é possível comparar duas línguas através da organização de equivalentes entre elas. Os autores que fizeram estudos sobre o tema dedicaram-se exclusivamente a analisar diferenças e semelhanças entre as línguas.

Outros autores, tais como Nida (1975 apud RIECHE, 2004), além de considerarem os aspectos linguísticos, diziam que na tradução estavam envolvidos também aspectos culturais e antropológicos. Nida explorou dois conceitos que se tornariam relevantes para os estudos da tradução: a correspondência formal e a equivalência dinâmica. Esta preocupava-se em desencarcerar o efeito tencionado pelo texto original para um efeito de entendimento da mensagem original. A equivalência

formal dá ênfase à mensagem em sua força e conteúdo, caracterizando-se pela reprodução literal do original. Nesse sentido, a situação do tradutor não deve influenciar na tradução, pois o que deve ser transmitido na tradução é o sentido único do texto.

Outra vertente apontada por Oliveira (2007) é a histórico-descritiva, e para abordá-la tomaremos como base os apontamentos de André Lefevere (1990, apud RIECHE, 2004). Lefevere aborda novos rumos para os estudos da tradução, como retomado na perspectiva de Rieche pela qual as línguas passam a ser a expressão das culturas, seus estudos valorizam o papel da cultura na tradução:

Toda tradução ocorre em um contexto e em um momento histórico, e está sujeita ao componente ideológico e às coerções culturais que limitam o discurso. Além disso, envolve mais do que o domínio de duas línguas e o uso de um dicionário bilíngue. Como as línguas expressam culturas, os tradutores devem ser bi culturais e não apenas bilíngues. (2004, p.6).

Lefevere considera como equivalentes os textos aceitos pela comunidade receptora da tradução, tendo pouca ou ênfase alguma no original, textos com omissões, acréscimos, resumos ou adaptações são, na visão do autor, estratégias de produção da tradução, e o tradutor se utiliza destas ferramentas pelo fato das coerções que afetam a escrita e a reescrita (BASSNETT & LAFEVERE, 1990, apud RIECHE, 2004).

Oliveira (2007) distingue, também, a vertente desconstrucionista, segundo a qual a tradução é vista como um ato que descontrói, pela sua própria natureza, tudo que está envolvido nela: sejam as línguas, textos, os autores, os tradutores e as culturas. Seguidores da corrente desconstrucionista desconsideram qualquer tipo de equivalência entre textos originais e traduzidos, para eles a equivalência entre línguas é impossível, porquanto a noção adotada alude a uma simetria que não existe na tradução, não havendo relação dessa natureza entre as línguas. Podemos complementar o pensamento desconstrucionista com a explicação de Oliveira (2007) :

O tradutor deixa de ser um mero encarregado da substituição de vocábulos de uma língua por vocábulos com o mesmo significado em uma outra língua e passa à posição de transformador, autor, responsável pela construção de sentidos do texto de partida e do texto de chegada. (2007, p.109)

Porquanto, se é transformador, não há como haver equivalência entre termo original e termo transformado (traduzido).

O tradutor precisa de suporte e Oliveira (2007) defende a equivalência como o ideal que dá aos profissionais tradutores segurança para atuar, uma vez que estão em

busca do equivalente em seu sentido mais pragmático ao pensarem na existência de uma relação perceptível entre texto de partida e texto de chegada. Para chegar à equivalência, alguns autores irão propor que a tradução seja vista como adaptação (discutida na seção adiante).

Kahmann (2011) exemplifica a equivalência a partir da tradução de um livro: “*Quem mexeu no meu queijo?*” de Spencer Johnson de caráter motivacional, sendo uma tradução veiculada para a linguagem adulta, outra tradução veiculada para a linguagem das crianças, e outra veiculada para a linguagem dos jovens. Foi o mesmo livro, contando a mesma história (sobre dois ratinhos, Sniff e Scurry, e dois homenzinhos, Hem e Haw). Mas que palavras diferentes foram utilizadas para cada público. Diante de tal consideração, Kahmann (2011) defende que a equivalência não pode ser considerada como idêntica, assim, não podemos dizer que a versão infantil é a mesma da versão adulta, contudo a mensagem contida em cada adaptação é a mesma, logo é equivalente nesse sentido.

O tradutor deve então caminhar a fim de observar uma relação entre o dito traduzido e o dito original, em que a ideia seja a mesma, uma vez que na equivalência considerada por Barros (2006) a tradução da língua de partida ocorre de acordo com o que lhe é funcionalmente equivalente, ou seja, deve desempenhar a mesma função. Nesse caso podemos considerar a equivalência como um tipo de adaptação, posto que na adaptação são realizados ajustes que combinem o texto da língua de partida com o texto da língua de chegada, como nas expressões culturais, onde o tradutor precisa encontrar a que melhor traduz para a língua alvo.

#### **2.4.2 A adaptação**

Uma das possibilidades do trabalho do tradutor é a adaptação. Mas o que significa adaptar? Na forma mais simples de explicar o sentido da palavra adaptação, adaptar significa ajustar. Uma palavra que não se adequa ao que pretendemos para uma frase, por exemplo, é trocada por um sinônimo; isso é similar à adaptação, ela é necessária para ajustar algo, expressando a ideia que se deseja. Para fazer com que a mensagem mantenha o mesmo sentido, é preciso buscar um equivalente que proponha o mesmo efeito comunicativo. Assim, o tradutor recorre à adaptação, buscando elementos para ajustar à linguagem conhecida pelo consumidor do produto traduzido. Na maioria das vezes, como explica Farias (2014), as palavras encontradas na língua alvo não

obedecem a uma fidelidade às palavras “correspondentes” na língua fonte, portanto a tradução é leal, no que busca estar de acordo com as intenções e expectativas do emissor.

O tradutor utiliza-se da adaptação, quando um determinado referencial presente na versão original não existe na cultura do texto alvo. Como dito anteriormente, Kahmann (2011) usa o provérbio espanhol “*de tal palo, tal astilla*”, que traduzido ao pé da letra significa de “tal pau, tal farpa”, mas o texto em português traz “tal pai, tal filho” é porque adapta o original à compreensão de quem o recebe na cultura em que ele será transmitido. Nesse sentido, convém comentar sobre dois termos utilizados por Lawrence Venuti (1992, 1995, 1998 apud FREITAS, 2008): domesticação e estrangeirização, em que esta se refere à prática de tradução que conserva a estranheza do texto original e da cultura de partida, e aquela trata da prática tradutória que esconde as diferenças culturais adaptando o conteúdo à cultura de chegada. Em outras palavras, a domesticação valoriza a cultura de chegada, enquanto a estrangeirização valoriza a cultura de partida, assim, podemos até comparar quanto a tradução livre ou literal, em que a domesticação traduz livremente no nível cultural, e a estrangeirização traduz literalmente neste mesmo nível.

Embora as duas categorias (domesticação e estrangeirização) possam ter diferentes caracterizações, isto não impede que ambas possam ser trabalhadas em um mesmo texto. Caberá então ao tradutor observar qual adaptação será mais adequada ao público de destino. Freitas (2008) traz à cabo as discussões tratadas por Venuti, nas quais o autor aborda o trabalho de Schleiermacher (1813). Venuti apropria-se da concepção proposta por Schleiermacher no tratamento da estrangeirização ou domesticação, os dois autores estabelecem “um binarismo no longo da história de opções excludentes na teoria da tradução, ou seja, a domesticação de valores, discursos e temática ou a sua estrangeirização” (FREITAS, 2008, p.102). Assim, podemos ter em um a facilitação do texto traduzido, de modo que torne compreensível a depender do público consumidor, ou em outro a complicação de uma ideia que não pareça compreensível ao público consumidor, pois, nas palavras de Freitas (2008, p.103) “o acesso ao texto estrangeirizador será limitado a uma reduzida elite intelectual”.

Kahmann (2011) optou por adaptar o dito de modo domesticador, assim, qualquer leitor pode aproveitar do conteúdo que lhe é transmitido, logo, podemos ter na estrangeirização uma maneira excludente de leitura como esclarece Freitas (2008):

Segundo Bakhtin (1986), “[a] palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” (p.113). No caso da tradução estrangeirizadora, a palavra não mais é território comum do leitor, é a subversão pela subversão, não há ponte porque uma das extremidades inexistente, uma vez que a opção de Schleiermacher e Venuti é excludente de leitura. (2008, p.104)

Contudo, ressaltamos que não estamos dizendo que não se pode traduzir de modo estrangeirizador, antes informando sobre sua função, e que, a depender do público ao qual o material a ser traduzido se direciona, este pode ser traduzido ou utilizando-se de estrangeirização ou domesticação, ou ainda os dois simultaneamente.

A dublagem, por sua vez, também se utiliza da adaptação. Para dar um exemplo no campo da dublagem, imaginemos quando a câmera se posiciona diretamente em frente ao rosto de uma personagem e o telespectador pode perceber facilmente a movimentação labial, para que as palavras fiquem de acordo com o som proferido originalmente (sincronia fonética), é necessário encontrar palavras que evidenciem com uma certa naturalidade para a dublagem. Ao mesmo tempo que as línguas apresentam semelhanças apresentam mais ainda diferenças, inclusive existem palavras que existem em uma cultura e que são desconhecidas em outras, por isso, podemos encontrar na adaptação uma estratégia para fazer o texto chegar ao telespectador.

Temos então que quando o tradutor busca um elemento equivalente, ele busca algo para ajustar a maneira como será traduzido um elemento da língua fonte para a língua alvo, assim, para concluir nosso pensamento tomamos como base a consideração de Barros (2006, p.87) quanto à adaptação: “é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere a língua original não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua traduzida. Esta situação pode ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralinguística da língua traduzida.” Há portanto um diálogo entre equivalência e adaptação. Além deste processo, um outro é trabalhado e pode ser utilizado como ferramenta pelo tradutor: a adaptação, cuja proposta será descrita na seção a seguir.

### **2.4.3 A adaptação**



O termo *tradaptação*, de acordo com Frio (2013), surgiu com Michel Garneau em 1978 e significa unificar a tradução e a adaptação. Segundo a autora, Garneau utilizou-se do termo para a tradução/adaptação da peça *Macbeth* de Shakespeare:

A *tradaptação*, termo cunhado por Michel Garneau em 1978, propõe-se a unificar dois procedimentos intimamente ligados, a tradução e a adaptação; não obstante, esse novo conceito também carrega um caráter ideológico fortemente marcado. O termo foi utilizado por Garneau para descrever sua tradução/adaptação da peça *Macbeth*, de William Shakespeare, para uma língua ainda em vias de formação e queurgia por consolidação, o *quebequense*. (FRIO, 2013, p.26).

Frio (2013) explica que o *quebequense* não era a língua dominante naquela região do Canadá, por estar em formação, por isso, a obra de Shakespeare serviria como meio de resistência à língua e à cultura tanto francesa quanto ao inglês canadense, e a população de Québec poderia desenvolver autonomia linguística e cultural:

A tradução de Garneau contou ainda com adaptações de toda ordem, desde a troca de nomes de personagens até o recurso a acréscimos, omissões e uso deliberado de arcaísmos e neologismos, para demonstrar que o *quebequense* era capaz de dar conta de um autor tão célebre, o que viria a conferir status a essa nova língua. (FRIO, 2013, p.27).

De acordo com Gambier (1992 apud FRIO, 2013, p.27), toda tradução é também uma adaptação, pois “qualquer texto terá algumas partes traduzidas (literalmente, para servir à língua-fonte) e adaptadas (para atender às condições de recepção da língua-alvo)”. Mas ainda assim, parece um pouco confuso de compreender que fim a *tradaptação* designa. A *tradaptação* proposta por Garneau, ao nosso ver, é uma adaptação que considera pontos culturais e ideológicos da língua de chegada, visando a compreensão do público receptor e que reflete, principalmente, um alinhamento ideológico do tradutor em relação ao original.

### 3. DUBLAGEM EM HARRY POTTER: O MÉTODO

Consumir filmes legendados na esperança de aprender uma segunda língua é bastante frequente, porém, não era preferência na minha família, que sempre optava pelos filmes dublados. Em meio a tantos filmes que assistíamos estavam sempre as comédias, e muitas vezes as piadas do filme chamavam atenção, no sentido de questionar “como elas tinham características próprias da cultura brasileira”. Por isso, comecei a investigar como é que faziam a dublagem, isto é, como seria feita a tradução para aquele filme em adição ao meu interesse pela tradução. Eram indagações comuns: quais elementos são considerados durante a dublagem? Que efeitos pretendem-se causar durante o processo?

Diante disso, para o trabalho monográfico, me bastava escolher um objeto de análise para tratar do tema e das perguntas que me fazia sobre dublagem e tradução. A televisão, as séries e filmes eram atrativos naturais e apresentavam uma infinidade de objetos, mas eu queria algo que trouxesse, para a pesquisa, a relevância para os estudos da tradução e que também chamasse a atenção de pesquisadores afins. Selecionei então Harry Potter, um conjunto de filmes baseados na coleção dos livros da escritora J.K. Rowling, e que já conhecia desde a adolescência.

A coletânea de livros do bruxo Harry Potter foi um grande sucesso no começo dos anos 2000 e ainda atrai diversos públicos. A saga Harry Potter, escrita por J. K. Rowling, ainda em 1997, a princípio não ambicionava ser um sucesso de vendas, principalmente por se tratar de uma “história infantil” e de fantasia. Contudo, após sua publicação pela Bloomsbury, ganhou notoriedade pelo mundo e se estendeu por sete livros, a saber: A Pedra Filosofal (1997); A Câmara Secreta (1998); O Prisioneiro De Azkaban (1999); O Cálice De Fogo (2000); A Ordem Da Fênix (2003); O Enigma Do Príncipe (2005) e As Relíquias Da Morte<sup>1</sup> (2007).

A obra em destaque obteve sucesso de vendas pelo mundo, sobretudo com sua adaptação para o mundo do cinema. Adaptar a obra Harry Potter para o cinema propiciou sua inserção em um “cânone cinematográfico”, que contava não somente com o gênio criativo do diretor, como a consultoria especial da autora dos livros, criando um verdadeiro diálogo entre filme e obra literária. Cada um deles foi adaptado para o cinema nas seguintes datas e sob estas direções: A Pedra Filosofal (2001) e A Câmara

---

<sup>1</sup> Títulos originais: The Philosopher’s Stone; The Chamber of Secrets; The Prisoner of Azkaban; The Chalice of Fire; The Order of Phoenix; The Half-Blood Prince; The Deathly Hollows.

Secreta (2002) dirigidos por Chris Columbus; O Prisioneiro De Azkaban (2004) dirigido por Alfonso Cuarón; O Cálice De Fogo (2005), dirigido por Mike Newell; e A Ordem Da Fênix (2007), O Enigma Do Príncipe (2009) e As Relíquias Da Morte (2010-11), dividido em parte 1 e parte 2, dirigido por David Yates.

Ainda argumentando sobre a escolha do objeto de pesquisa, determinada a trabalhar com tradução e com filmes, especificamente de dublagem, o filme “Harry Potter e a Pedra Filosofal” chamou atenção, em particular, por uma das primeiras cenas, quando o protagonista diz: “veio do Brasil, não foi?”. Nessa cena, Harry Potter conversa com uma cobra e pergunta sobre sua origem, o que reacendeu minha curiosidade em saber se, no original, o ator realmente havia falado no “Brasil”, essa opção se deu pela produção estar sendo adaptada para o português brasileiro? Era necessário saber se durante este processo de tradução para dublagem havia mudanças lexicais, sintáticas e semântico-pragmáticas.

Podemos observar que há uma “ponte interdisciplinar” para se chegar ao foco da pesquisa que começa com a obra cinematográfica, da qual diversas traduções e adaptações de língua são permitidas para chegarmos ao trabalho com a tradução em dublagem para língua portuguesa. O processo tradutório trabalhado aqui, portanto, não pode deixar de ser considerado como um objeto de estudo da linguística.

Escolhido o filme a ser analisado, precisava, então, montar o arcabouço teórico de tradução e dublagem, discutidos anteriormente para começar a coleta de dados no filme e somente então estudar as escolhas e as possíveis alterações da tradução de dublagem. Para isso, assisti o filme em inglês e em português, comparando cena a cena, os diálogos originais e suas respectivas dublagens. Foram registradas cada alteração ou dissonância entre original e dublagem, em função do momento (tempo) do vídeo, o áudio original (escrito), e o áudio utilizado na dublagem (escrito), tal como no Quadro 1 apresentado no apêndice deste documento.

Em seguida, com base na leitura de Barros (2006), adaptamos sua proposta metodológica para análise de dublagens para os fins de nossa pesquisa. Desse modo, chegamos ao seguinte modelo:

**Quadro 2:** Modelo de análise das falas dubladas

1. Título Original:	2. Título traduzido	3. Ano/origem
4. Cena (descrição simples)	5. Personagens da Cena	6. Situação ( ) Formal ( ) Informal
		7. Tempo da cena
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( ) formal ( ) informal	
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal ( ) informal	
12. Observações da relação fala/cena		

**Fonte:** adaptado de Barros (2006)

O modelo se divide em metadados do filme; contexto da cena em função de tempo, das personagens, dos eventos da cena e do grau de formalidade, fator que pode afetar as escolhas da tradução; a fala no idioma original; a fala no idioma da dublagem, neste caso, inglês e português, respectivamente. Não foram inseridas imagens em cada análise por questões de direitos autorais. A última seção do modelo de análise é a descrição da relação fala/cena, isto é, do movimento corporal, facial das personagens que pode vir a afetar a escolha das palavras na tradução. Um exemplo simples pode ser visto abaixo:

**Quadro 3:** Modelo de análise das falas dubladas para uma cena

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher's Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/origem 2001/UK
4. Cena (descrição simples) Harry Potter está no zoológico e conversa com uma cobra em cativheiro.	5. Personagens da Cena Harry Potter Cobra em cativheiro	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena 06min37seg
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( ) formal ( x ) informal	
Can you hear me?		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal ( x ) informal	
Você consegue me entender?		

**Fonte:** autoria própria (2018)

A extensão dos lábios da personagem ao articular os sons da língua inglesa, bem como sua ênfase no verbo “hear” tornariam pouco plausíveis a elocução de “consegue me ouvir” devido ao arredondamento dos lábios, por isso, a tradução opta pelo verbo “entender”.

A partir dessa descrição, do total de 41 falas, foi selecionado um *corpus* restrito de 12 ocorrências mais representativas das questões dessa pesquisa (quanto as questões de equivalência, domesticação, volume textual e coerência labial), além do que não poderíamos nos estender devido as especificações do espaço para a pesquisa. Em seguida, foi analisado o texto das traduções para discutir as alterações de nível lexical (palavras que foram substituídas por outras menos literais ou foram removidas), sintático (alteração de voz ativa para passiva, de afirmativa para interrogativa) e suas alterações de efeito de sentido. Ainda, olhamos para os casos de adaptação, quando a tradução busca se aproximar da cultura e dos usos da língua portuguesa.

Utilizaremos para facilitação do entendimento do trabalho a letra “P” para indicar as possibilidades de uma mesma tradução, assim podendo aparecer como P1, P2, etc. É na seção a seguir que trabalharemos cada uma das proposições selecionadas para análise.

#### 4. HARRY POTTER: DUBLAGEM, ESCOLHAS E MAGIA

Como já explicitado, o objeto de pesquisa deste trabalho é o filme Harry Potter e A Pedra Filosofal, como traduzido para dublagem no Brasil. É um longa metragem com duração de 152 minutos, sua dublagem no país ficou à cabo da Delart (RJ) sob a direção de Pádua Moreira e tradução de Solange Barboza. O filme conta a história do pequeno Harry, que sobreviveu ao ataque do Lorde das trevas “Voldemort”, que naquela mesma noite assassinou os pais de Harry. Desde então, Harry Potter foi criado pelos tios (que o desprezavam), mas encontrou um lar na escola de magia de Hogwarts, que começou a frequentar a partir dos 11 anos de idade, e onde viveu grandes aventuras na companhia de seus amigos Hermione Granger e Ronald Weasley.

Daremos início a partir de já a discussão e análise dos dados escolhidos. As análises servirão para sustentar estudos teóricos, e estes servirão como base para os argumentos apresentados aqui.

**Quadro 4**

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher’s Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry Potter está no zoológico e conversa com uma cobra em cativeiro.	5. Personagens da Cena  Harry Potter Cobra em cativeiro	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena 06min42seg
8. Fala em Língua inglesa	9. . registro ( ) formal	( x ) informal
You’re from Burma, aren’t you?		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
Veio do Brasil, não foi?		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Com base nas imagens, pudemos observar que há coerência no movimento labial ao utilizar “veio” em vez de “você”, para combinação com “you”, pois o “io” de “veio” combina com “you” ao apresentar semelhança fonética. A escolha por Brasil ao invés de Birmânia podemos associar ao público que será oferecido (posto que o público possa não saber da existência da Birmânia). Podemos também considerar o volume textual

associado a sincronia labial, pois, percebemos uma maior extensão do vocábulo Birmânia em relação ao vocábulo Brasil, posto que *Burma* aproxima-se graficamente (na extensão da palavra) mais a este do que aquele. O tradutor utilizou-se do modo de tradução domesticadora proposta por Lawrence Venuti (1992,1995,1998 apud FREITAS, 2008), que adapta o texto tornando-o compreensível ao público de destino, ou a cultura de chegada do material.

Caso o tradutor tivesse optado por manter o termo original aproximando da cultura de partida (como propõe a tradução estrangeirizadora também trabalhada por Venuti), não permitiria o não entendimento da mensagem, mas distanciaria o público de chegada no sentido de não conhecer a Birmânia, tornando estranho e, apenas um público restrito (que conhece o país) poderia aproveitar tal tradução. Podemos observar que a versão traduzida mantém a mesma intenção comunicativa da versão original, apontando para a equivalência funcional citada por Barros (2006).

**Quadro 5**

1. Título Original: Harry Potter and the Philosopher's Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry Potter caminha com Hagrid para comprar os materiais que Harry precisará para utilizar em Hogwarts.	5. Personagens da Cena  Harry Potter Hagrid	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena  24min50seg
8. Fala em Língua inglesa	9. Registro ( ) formal	( x ) informal
I still need a wand.		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
Ainda está faltando uma varinha.		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Não há *close up* na cena no momento da fala ou uma aproximação fidedigna que possa observar a movimentação da boca da personagem, assim, não podemos atribuir a escolha à coerência da sincronia labial. Podemos observar então, que a quantidade de palavras nesta tradução é coerente com a quantidade de palavras do texto original, ou seja, há uma coerência no volume textual, o que não poderia haver se a tradução optasse por “Eu ainda preciso de uma varinha”. Aqui temos seis palavras, e em “Ainda está faltando uma

varinha”, temos cinco, a mesma quantidade que em “I still need a wand.” Contudo, essa diferenciação na quantidade não interferiria no som proferido.

Vale salientar que dizer “ainda preciso de uma varinha” poderia parecer uma má atitude do jovem com relação ao guardião, aparentando impaciência – o que não era o caso. Além do que iria parecer (indiretamente) que o jovem estava obrigando o guardião a comprar a varinha. A opção, “ainda está faltando uma varinha” é neutra com relação às emoções e não afeta a compreensão do telespectador. Portanto representa a mesma ideia (ainda tem um material para completar a lista de materiais que o jovem irá precisar na escola de magia). Assim, vemos aqui também um caso de equivalência entre o dito original e sua tradução na língua de chegada.

**Quadro 6**

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher’s Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry vai até ao Olivaras para comprar sua primeira varinha.	5. Personagens da Cena  Harry Potter Sr. Garrick Olivaras	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena  25min27seg
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( x ) formal	( ) informal
I wondered when I’d be seeing you, Mr. Potter.		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( x ) formal	( ) informal
Eu estava esperando a sua visita, senhor Potter.		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Se fossemos traduzir ao pé da letra, poderíamos ter duas possibilidades para a sentença colocada. Na P1 teríamos “Eu me perguntava quando estaria vendo você, Sr. Potter.” Contudo, o dito soaria um pouco estranho ao que estamos acostumados a ouvir e usar em português. Na P2 teríamos “Eu me perguntava quando veria você, Sr. Potter”. O dito é comum, e caberia perfeitamente para tradução da sentença. Porém, como na dublagem observamos que não há toque dos lábios ao proferir “*I wondered when I’d*”, e o toque dos lábios observamos em “be”, a opção por “Eu estava” adequa-se justamente por não haver toque nos lábios, toque este que se percebe na sílaba “-pe”- de esperando.



Se fosse escolhida a P2, observando os vocábulos “me” e “perguntava” há toque nos lábios que interfere no movimento labial: “Eu *me* perguntava”, e “*I wondered when I’d*” (sem toque labial em nenhum momento). Poderíamos ainda substituir “a sua visita” simplesmente por “você”, mas o volume textual não se encaixaria entre a fala da dublagem e a movimentação labial e também não tornaria adequado ao contexto. Portanto, a escolha é uma adaptação semanticamente equivalente ao texto de partida.

Ressalvamos que não diz a “mesma coisa”, mas também não altera a ideia. Assim nos espelhamos na proposta de Nida (1975 apud RIECHE, 2004) sobre equivalência dinâmica, que “des-sobrecarrega”<sup>2</sup> a ideia de manter o original de modo literal, puro e autêntico, trazendo a possibilidade ao tradutor de utilizar ferramentas próprias da língua de destino para trazer ao entendimento deste público a intenção da mensagem original do texto de partida.

Acrescentamos ainda que consideramos o registro da fala “formal” por várias questões: a) um idoso que se dirige ao Harry Potter; b) Harry Potter é uma figura ilustre; e c) Embora Harry seja conhecido por todos, aquele foi o primeiro contato entre o sr. Olivaras e ele (Harry). Caso fosse utilizada aquela possibilidade do uso do vocábulo “você”, aí sim poderíamos ter um registro informal, pois: “Eu estava esperando você” é bem informal e todo contexto da cena ocorre em grau de formalidade, e claro, neste caso não seria utilizado o “senhor Potter”.

**Quadro 7**

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher’s Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry Potter conversa com Ronald Weasley no expresso a caminho de Hogwarts, quando chega uma vendedora oferecendo lanches para comprar.	5. Personagens da Cena  Harry Potter Ronald Weasley vendedora	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena  34min58seg
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( x ) formal	( ) informal
No, thanks. I’m all set.		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal

<sup>2</sup> Des-sobrecarrega – utilizado aqui como oposição ao verbo sobrecarregar.

Não, obrigado. Trouxe de casa.
--------------------------------

**Fonte:** autoria própria (2018)

“I’m all set” pode significar várias coisas. Uma das possibilidades para traduzir o seria: P1 “vim preparado”, ou P2 “estou com tudo pronto” ou (dada a ação na tela de mostrar o lanche) P3 “estou servido”. Contudo, a expressão no rosto de Ronald Weasley, demonstra constrangimento, como se não estivesse contente com o lanche caseiro diante das guloseimas à venda, logo não poderia ser utilizada a P3 para este contexto. A possibilidade de traduzir “estou com tudo pronto”, tornaria alongada a fala da tradução: seriam 7 sílabas, mas na língua de partida temos 3 sílabas apenas. Para dar coerência ao som da língua de chegada e a movimentação labial, teríamos que optar por algo próximo ao natural e igualmente breve. Logo, temos que considerar a expressão da personagem, e a sincronia entre fala e movimentação da boca e a própria ação na tela, que exhibe um lanche em embalagem caseira.

Assim, “trouxe de casa” mesmo não sendo equivalente em sentido ou palavração, também não altera ou acrescenta à emissão o que não se pode observar, a escolha encaixa-se de maneira coerente a sincronia labial e som proferido. Ainda assim, faz referência à intenção da mensagem do texto de partida (que é mostrar que Ronald já tem seu lanche para viagem), nesse caso podemos também falar em equivalência dinâmica. Assim, temos uma relação entre a adaptação e a equivalência, em alguns casos o tradutor não encontra na língua alvo palavras que obedeçam à fidelidade de palavras da língua fonte como justifica Farias (2014), e ele precisa recorrer à adaptação para buscar elementos para ajustar a tradução ao conhecimento da língua de chegada, logo é preciso buscar um elemento que proponha o mesmo efeito comunicativo, e este elemento é o equivalente.

### Quadro 8

1. Título Original: Harry Potter and the Philosopher's Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry Potter segue com os demais alunos ingressantes em Hogwarts para a recepção na escola, acompanhados da	5. Personagens da Cena  Harry Potter, Professora Minerva McGonagall, alunos	6. Situação ( x ) Formal ( ) Informal
		7. Tempo da cena  44min09seg

professora Minerva para escolha de suas casas pelo chapéu seletor.		
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( x ) formal	( ) informal
Will you wait along here, please?		
10. 10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
Fiquem todos aqui, por favor.		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Na cena, a pergunta feita pela personagem da Professora aos alunos, traduzida literalmente diria: “Vocês esperam aqui, por favor?”. Em português, pedidos com “por favor” são feitos por meio de sentenças com verbos (sente aqui, por favor), ao passo que em inglês um pedido formal com “please” geralmente assume tom interrogativo. De outro modo, o tradutor para dublagem deve estar concentrado na expressão facial do personagem que fala e o som, para que hajam em sintonia e coerência. Podemos notar, que em nossa língua, o dito denota um pedido, e uma gesticulação facial branda. Contudo, a gesticulação da personagem da Professora na cena denota ordem, quando agita a mão para determinar até onde os estudantes podem ir. Por isso, o tom imperativo da fala traduzida.

Há mudança de registro do formal para o informal na dublagem (marcando a relação de formalidade entre professor e aluno no estrangeiro sem correspondente na cultura brasileira).

#### Quadro 9

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher's Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry e Ronald estão atrasados para a aula e entram na sala achando que a Professora não está. Mas, o gato que estava na mesa da professora levanta transformando-se na Professora McGonagall.	5. Personagens da Cena  Harry Potter Ronald Weasley Professora Minerva McGonagall	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena  51min01seg
8. Fala em Língua inglesa	9. Registro ( ) formal	( x ) informal

- That was bloody brilliant! - Thank you for that assessment Mr. Weasley.		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
-Isso foi mesmo brilhante. - Que bom que gostou, sr. Weasley.		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Diante do elogio com palavras de tom informal e vulgar (“bloody brilliant”), a professora retruca em tom sério e falando rapidamente a sentença. Se fosse usada a tradução literal (“Agradeço essa avaliação, Sr. Weasley”), a fala seria longa e não se encaixaria ao movimento labial, não haveria sincronia ou coerência entre fala e boca, por isso, ao escolher a sentença em questão, podemos observar que ela se adequa ao encantamento do aluno com a professora, criando uma relação entre texto da dublagem e contexto do filme, bem como o curto tempo.

No uso de “Que bom que gostou.” a Professora se expressa de modo austero, mostrando sua postura enquanto professora, posto que os alunos chegaram atrasados em sua aula, e ela não iria reduzir a relevância do ocorrido devido ao elogio recebido. Mas a professora não fala com grosseria, sendo então irônica, tanto na fala original, como na fala da dublagem. Observamos, também, que se mantém esta mesma intenção, mesmo com a divergência entre “agradeço a avaliação” e “que bom que gostou”, por não aparentarem nenhuma relação de equivalência quanto às palavras, ou sentido. Mas quando da ocorrência do contexto na relação das duas falas e a gesticulação, este é o elemento de equivalência aqui (o contexto), o tradutor adapta o resultado, de modo que deve se salientar a relação entre fala (som proferido) e movimentação labial à gesticulação.

#### Quadro 10

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher’s Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry Potter e os demais alunos estão tendo aula de voo com a professora Rolanda Hook. Começam aprendendo como	5. Personagens da Cena  Harry Potter Professora Rolanda Hook Demais alunos do primeiro ano de Hogwarts	6. Situação ( x ) Formal ( ) Informal
		7. Tempo da cena  55min41seg

chamar a vassoura até eles.		
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( ) formal	( x ) informal
With feeling!		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
Com vontade!		

**Fonte:** autoria própria (2018)

A utilização de “com vontade” em vez de “com sentimento” adequa-se melhor em contexto e significação na fala da professora em função de ser mais comum em português. Ressaltamos aqui as colocações de Kahman (2011), quando a autora exemplifica sobre equivalência através do livro “Quem mexeu no meu queijo” para adultos, que não é idêntico a “Quem mexeu no meu queijo, para jovens”, nem, muito menos, a “Quem mexeu no meu queijo, para crianças”. Mesmo assim, a história se mantém a mesma em todas as versões do livro. A mensagem do livro é a mesma, mas de maneira diferente para cada grupo (crianças, jovens e adultos), com a intenção de fazer chegar à compreensão de cada um. Kahman (2011) afirma que o texto não é o mesmo, contudo é equivalente quanto à transmissão da mesma mensagem. Assim, temos em “com vontade” a expressão correspondente na língua portuguesa da mesma ideia de “with feeling” na língua inglesa, o que por sua vez, podemos também tratar como uma domesticação, pois ao passo que “com sentimento” poderia causar estranheza no público de chegada por não ser tão comum, “com vontade” adequa-se à cultura de chegada (por seu uso ser comum), tornando compreensível ao público que irá receber

Tecnicamente, observando o volume textual teremos a preferência também por “vontade” no lugar de “sentimento”. Essa escolha não altera o sentido do texto original, e na fala da dublagem há melhor aceitação para a língua de chegada. Pois, é comumente utilizada a expressão “com vontade” na língua portuguesa, no sentido de dizer “faça isso com vontade” (com mais empenho e dedicação). A escolha foi adaptada às características culturais de uso da língua portuguesa.

### Quadro 11

1. Título Original: Harry Potter and the Philosopher's Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
--	---	---------------------------

<p>4. Cena (informações básicas)</p> <p>Harry Potter e seus amigos vão até a casa de Hagrid para investigar a pedra filosofal. Durante a conversa, escutam um barulho no caldeirão e veem um ovo que está para chocar – é um filhote de dragão norueguês. Ronald pergunta como Hagrid conseguiu o dragão, então Hagrid responde: “I won it. Off a stranger I met down at the pub”. A fala de Hagrid que prossegue é o que colocamos para análise.</p>	<p>5. Personagens da Cena</p> <p>Harry Potter Hermione Ronald Hagrid</p>	<p>6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal</p> <p>7. Tempo da cena</p> <p>01hora40min17seg</p>
<p>8. Fala em Língua inglesa</p>	<p>9. registro ( ) formal</p>	<p>( x ) informal</p>
<p>Seemed quite glad to be rid of it, as a matter of fact.</p>		
<p>10. Fala da Dublagem</p>	<p>11. Registro ( ) formal</p>	<p>( x ) informal</p>
<p>Ficou contente de se livrar dele, pelo que eu percebi.</p>		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Essa fala é pronunciada com Hagrid ocupando posição central da tela, sozinho, de modo que toda a atenção do telespectador está sobre sua expressão facial. A fala é rápida e a dublagem confere similaridade entre língua de chegada e língua de partida, no quesito labial. Uma tradução literal desse trecho tornaria um tanto esquisito para a língua de chegada: P1 “Parecia muito feliz em se livrar dele, por uma questão de fato”. Quando o tradutor opta por uma tradução contextualizada torna mais acessível ao público espectador: P2 “Ficou contente em se livrar dele, pelo que percebi”, mesmo que desloque para Hagrid essa percepção sobre o dono anterior do item. Além disso, outro fator que pode ter levado o tradutor a optar por essa tradução é a questão do volume textual. Notamos que a opção escolhida é coerente (em volume textual) com o texto original, portanto torna-se plausível ao som e sincronia labial; e uma tradução aproximada de “as a matter of fact” por “na verdade” poderia não cumprir o protocolo labial e temporal da fala.

A utilização do vocábulo “parecia” soa como uma dúvida, mostrando que Hagrid não tem certeza sobre a ação do indivíduo que lhe deu o dragão. Quando ele

utiliza “ficou” mostra uma pequena certeza sobre o fato, contudo quando acrescenta ao final “pelo que percebi” não deixa de exprimir uma opinião de Hagrid sobre o fato. As escolhas da dublagem dessa fala podem ser um pouco complexo de entender, mas vamos, então, analisar com uma P3 para essa tradução: “Parecia muito feliz em se livrar dele, na verdade.” E comparando com uma P2 (utilizada na fala da dublagem): “Ficou contente em se livrar dele, pelo que percebi.” Podemos compreender, que ambas identificam uma percepção do emissor da fala (Hagrid), portanto uma opinião. Logo, as duas apresentam uma relação de equivalência (correspondência) na emissão da mensagem transmitida – a percepção de um fato pelo emissor. Ressalvamos que as frases não dizem a mesma coisa, mas representam a mesma ideia.

**Quadro 12**

1. Título Original: Harry Potter and the Philopher’s Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Harry Potter entra para o time de “quadribol” como apanhador, Olívio Wood, goleiro da equipe Grifinória, vai explicar e apresentar sobre o esporte e a função de Harry no jogo.	5. Personagens da Cena  Harry Potter Olívio Wood	6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal
		7. Tempo da cena  01hora04min17seg
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( ) formal	( x ) informal
With me so far?		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
Está entendendo?		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Nesta cena, Olívio Wood não está em foco no momento de sua fala, então não podemos afirmar que a escolha nesse caso se deve pela coerência labial, porém a fala é pronunciada em velocidade pela personagem enquanto a câmera passa do falante (Olívio Wood) para o interlocutor (Harry Potter). Podemos observar que o volume textual se adequa ao da língua de partida, e a tradução livre funciona de uma maneira mais natural para a língua de chegada – afinal, soaria estranho utilizar “está comigo até

agora”. A opção menos literal “Está acompanhando?” também seria possível, porém a escolha pela opção “Está entendendo?” reforça a equivalência semântica – a opção escolhida desempenha a mesma função que a versão original – de modo mais direto que a versão de partida – importante para uma fala dita tão rapidamente.

Podemos falar aqui também em domesticação (termo discutido por Venuti, 1992, 1995, 1998 apud FREITAS, 2008) que garante a cultura de chegada o entendimento (de maneira facilitada), pois em nossa cultura costumamos usar (está entendendo?), de modo que “está me acompanhando” poderia representar estranheza a depender do público, o dito comum facilita a compreensão de qualquer público. Ao passo que acontece a domesticação, observamos o desempenho da mesma função, tanto na tradução quanto na fala original, por isso também são equivalentes.

**Quadro 13**

1. Título Original: Harry Potter and the Philosopher's Stone	2. Título traduzido Harry Potter e A Pedra Filosofal	3. Ano/ origem 2001/UK
4. Cena (informações básicas)  Todos os alunos e professores de Hogwarts estão no salão principal e o Diretor Dumbledore está acrescentando pontos de última hora para anunciar a casa vencedora. Dumbledore introduz sua fala com “Another year is gone”, como no final do ano antes dos alunos irem para suas casas é visto a casa que mais pontuou durante o ano. Em seguida Dumbledore profere a fala que tomamos para análise.	5. Personagens da Cena  Todos os alunos, Dumbledore e professores de Hogwarts.	6. Situação ( x ) Formal ( ) Informal  7. Tempo da cena  02h18min09seg
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( x ) formal	( ) informal
And now, as I understand it, the house cup needs awarding.		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( ) formal	( x ) informal
E agora, está na hora da Taça das Casas ser entregue.		

**Fonte:** autoria própria (2018)



O primeiro ponto que colocamos para análise é o momento da realização da fala. No momento em que o som é proferido não é mostrada a personagem que fala, mas os alunos que olham atentamente para o diretor. Assim, podemos descartar que a opção escolhida se deu pela coerência labial. A questão temporal, por sua vez, pode ter motivado a não tradução do trecho entre vírgulas “*as I understand it*”. Uma tradução literal do trecho se daria da seguinte forma: “E agora, pelo que entendo, a Copa das Casas precisa de premiação”. Porém, para se adequar ao tempo da fala, o tradutor removeu a opinião do Diretor de sua fala, preferindo passar para a fala seguinte. O uso de “está na hora”, por sua vez, é mais adequado em registro para o público de chegada, posto que o ano se passou e tem algo a acontecer no momento em que o Diretor fala, que é exatamente a hora da entrega da taça.

Observamos, ainda, que “House Cup” (Copa das Casas) é traduzida por “Taça das Casas”, em referência não à competição, mas ao prêmio da mesma. Uma outra observação a se fazer, diz respeito ao plural do substantivo, note que “house cup” aparece no singular, mas na tradução temos (Taça das Casas), fica sem sentido tratar como Taça da Casa (a menos que a referência fosse para a escola, Hogwarts), e o prêmio é entregue a uma das casas (Sonserina, Grifinoria, Lufa-Lufa e Corvinal), por isso, a tradução no plural. Na oração, essa taça aparece como sujeito da oração e o verbo após “need” vem com o sufixo -ing. Como a tradução literal “precisa de premiação” ou “ser premiada” não faz sentido em português para a taça (não se premia a taça, mas a copa), optou-se, portanto, por “precisa ser entregue”.

**Quadro 14**

<p>5. Cena (informações básicas) Após conversarem com Hagrid, Harry e seus amigos descobrem que Hagrid contou para um estranho sobre como acalmar o Fofo (Cão de 3 cabeças que protege a entrada de um alçapão, onde está a pedra filosofal). Eles vão atrás de Dumbledore para contar que alguém está procurando a pedra filosofal para roubá-la. Eles encontram a Professora McGonagall que os informa da ausência de Dumbledore no</p>	<p>5. Personagens da Cena Harry Potter Hermione Granger Ronald Weasley Minerva McGonagall</p>	<p>6. Situação ( ) Formal ( x ) Informal</p> <p>7. Tempo da cena 01h51min52seg</p>
---	---	--

castelo.		
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( x ) formal	( ) informal
I'm afraid, professor Dumbledore is not here.		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( x ) formal	( ) informal
Lamento, mas o professor Dumbledore não está		

**Fonte:** autoria própria (2018)

No momento da fala da professora Minerva observa-se claramente sua movimentação labial, logo, além das técnicas que já utiliza para a tradução, o tradutor precisa observar se a tradução encaixa-se ao movimento labial. “I’m afraid” em sua versão mais literal diria “estou com medo” ou em sua tradução mais comum “tenho medo”, mas a escolha do tradutor optou por “lamento”. A expressão “I’m afraid” pode significar também “lamento”, a depender do contexto. Quando “afraid” vem acompanhado pela preposição of, aí sim temos a tradução por “ter/estar com medo”. Note que é preciso que o tradutor tenha conhecimento da língua inglesa (nunca saberemos tudo, por isso é importante o uso de dicionários ricos em conteúdos assim). É interessante observar que a palavra “lamento” tem um toque labial em “men” e que esse mesmo toque acontece em “I’ma” de “I’m afraid”.

Outra palavra aparece na tradução que não existe na versão original: a palavra “mas”. Por quê o mas apareceu se não se tem uma referência na língua de partida? Na língua portuguesa sempre que utilizamos o “lamento” ele é seguido por “mas” na maioria dos casos, por isso “Lamento, professor Dumbledore não está” até teria sentido, mas a frase ficaria incompleta, como se tivesse faltando algo. Logo “I’m afraid” tem seu correspondente dinâmico na língua portuguesa, o “lamento”, e o tradutor precisa adaptar de acordo com a característica da língua de chegada, por isso acrescenta o vocábulo “mas”.

### Quadro 15

6. Cena (informações básicas)  Todos os alunos de Hogwarts estão no salão principal com todos os professores e o diretor	5. Personagens da Cena	6. Situação ( x ) Formal ( ) Informal
	Harry Potter e seus amigos Todos os demais alunos de todas as casas Dumbledore e professores	7. Tempo da cena  02h18min15seg

da escola, Dumbledore. O diretor anuncia a classificação das escolas para entrega da taça das casas.	de Hogwarts	
8. Fala em Língua inglesa	9. registro ( x ) formal	( ) informal
And the points stand thus:		
10. Fala da Dublagem	11. Registro ( x ) formal	( ) informal
A classificação é a seguinte:		

**Fonte:** autoria própria (2018)

Quando o personagem profere sua fala, as câmeras não estão voltadas para sua face, mas para os alunos da escola, assim, é mais um caso que não podemos atribuir a escolha da tradução pela coerência labial. Observemos uma possibilidade literal para a tradução, a P1 “E os pontos ficam assim:” e a opção escolhida P2 “E a classificação é a seguinte:”, relacionando-as vemos que quanto ao volume textual não há uma diferença significativa entre a P1 e a P2 considerando a versão original, descartamos também esta possibilidade de escolha em função do fator volume textual.

Por que então foi colocado a palavra “classificação” e “seguinte” se não notamos correspondência analisando no nível da palavra? Dumbledore diz a pontuação de cada casa começando pelo 4º lugar, diz o 3º, o 2º e o 1º, numa ordem classificatória. O “thus” é comumente utilizado em contextos formais, mas pode ser utilizado em contextos informais de fala, a situação da fala em LI é formal assim como a situação da tradução utilizada em LP. Agora, supondo que o tradutor tivesse optado pela P1, será que marcaríamos na língua portuguesa como formal? Obviamente não. Por isso ao escolher a P2 o tradutor opta por manter a relação de formalidade expressa pela fala da personagem: o diretor da escola (Dumberore) por si só já representa uma figura de autoridade em um evento formal, como a entrega da premiação da escola. Há uma relação de correspondência entre a tradução escolhida e a versão original, foram ditas palavras diferentes, mas que não interferiram no entendimento da mensagem.

Por ora terminamos nossas análises, e para finalizar faremos breves considerações sobre o que vimos neste capítulo. Observamos na análise que o tradutor utilizou de equivalência e domesticação, além de atentar (principalmente) para as questões de sincronia labial e volume textual e a gesticulação das personagens. De modo que colocamos a cada um desses quesitos como adaptações, pois em todos os casos foi necessário ajustar a tradução de acordo com cada uma dessas proposições.

Todos os dados analisados tiveram base nas teorias propostas por Nida (1975, apud RIECHE, 2004) quanto a equivalência dinâmica, cujo autor defende que a intenção comunicativa do texto deve ser preservada ao procurar elementos equivalentes de uma língua alvo para uma língua fonte.

Nos estudos de Barros (2006) e Nord (1997 apud ZIPSER, POLCHLOPEK, 2008) quanto a equivalência funcional, o termo equivalente deve desempenhar a mesma função do termo a ser traduzido. Observamos que tanto os estudos de Nida, como os de Barros e Nord, entendem que um termo é considerado equivalente a outro, quando este desempenha o mesmo papel que aquele (a mesma ideia). Foram utilizadas também as considerações de Farias (2014) que aborda a sincronia labial e volume textual, técnicas utilizadas na área da dublagem para conferir naturalidade à fala e a cena, pois ao passo que se fala deve parecer natural a movimentação e gesticulação de quem fala, acompanhando o tempo da fala. Já Venuti (1992, 1995, 1998 apud FREITAS, 2008) estuda sobre dois termos colocados na tradução: a domesticação e a estrangeirização, essa que implica em uma tradução que mantém o parâmetro da cultura da língua de partida, e aquela adapta a tradução à cultura da língua de chegada, tornando facilitada a compreensão para qualquer público da língua alvo.

Com base no que investigamos em todas as falas selecionadas para esse trabalho, podemos organizá-las em função das razões subjacentes às modificações na tradução. Primeiramente, tivemos a equivalência no qual as falas originais e traduzidas desempenham a mesma função comunicativa, ainda que não seja mantida a fidelidade linguística estrita; isso foi observado em “I still need a wand”, “I wondered when I’d be seeing you, Mr. Potter”, “No thanks, I’m all set”, “With feeling”, “With me so far?”, “Seemed quite glad to be rid of it”, “as a matter of fact” e “I’m afraid, professor Dumbledore is not here”.

Em segundo lugar, houve ocorrência de domesticação, uma vez que as falas são traduzidas para a cultura de chegada para facilitar a compreensão do receptor e não causar estranheza ao optar pela tradução literal em “You’re from Burma, aren’t you?”, “With feeling”, e em “With me so far?”.

Além disso, pudemos salientar uma escolha de tradução baseada principalmente pela coerência labial e gesticulação, além da coerência no volume textual e adequação a língua portuguesa em “Thank you for that assessment, Mr. Weasley”; bem como uma

tradução motivada, principalmente, pela adequação ao tempo da fala em “And now, as I understand it, the house cup needs awarding”.

Em todos os casos é relevante observar que as traduções não fugiram do contexto tencionado pela mensagem original, embora em alguns casos tenhamos observado a mudança no léxico e na sintaxe (em alterar de interrogativa para afirmativa) e no registro quando os traços de formalidade passam para informalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos aqui diversos estudos relacionados a área da tradução e da tradução para dublagem observando para as técnicas utilizadas. De modo que nossa defesa permanece colocada para estas áreas, valorizando sim sua atuação. Uma vez que a tradução está ligada intrinsecamente à disseminação das mais diversas formas de conhecimento. O autor de um livro certamente pretende ver sua obra sendo distribuída não apenas em seu país de origem, mas que seja divulgada por tantos outros países diferentes do seu, e isto apenas acontecerá por meio de um tradutor. De maneira semelhante acontece com o produtor de um filme, ele quer ver sua obra cinematográfica distribuída pelo mundo inteiro, e isto acontecerá pela atuação de um tradutor e de um estúdio de dublagem.

Pensemos nas pessoas que desconhecem determinada língua estrangeira, e se não existisse a tradução, como elas poderiam usufruir de obras literárias se não sabem aquela língua? Pensemos nas crianças, como elas veriam desenho animado produzidos em outros países se não conhecem a língua original de produção? A tradução é relevante porque tira os desconhecedores de uma língua estrangeira das escuras, colocando-o no mesmo lugar de reflexão que o conhecedor da língua. Não reconhecer a tradução é privar quem não sabe uma língua estrangeira de tomar conhecimento das diversas formas de arte, seja no cinema, na literatura, ou em outro tipo de arte.

Sabendo do valor da tradução, observamos que para traduzir não basta ser bilíngue, o saber do tradutor vai além do conhecimento do dicionário comum, ele precisa conhecer a cultura de dois povos, estar atualizado com as variações linguísticas, e ter um excelente dicionário (que possa ajudar nestes casos mais complexos). Portanto, o trabalho do tradutor também é complexo, e claro, relevante, pois é através dele que um trabalho ganha espaço em locais diferentes do seu lugar de origem. De igual maneira temos o trabalho com a dublagem, e com fatores a mais a serem observados além das técnicas da tradução: gesticulação, tempo de fala, coerência labial, pois ao traduzir ele observa se sua tradução se adequa a movimentação da boca da personagem ao dublar para outra língua.

De um lado temos a tradaptação que observa os fatores ideológicos de uma tradução, como é a estrangeirização (que mantém os dados literais da tradução em relação a cultura, ainda que cause estranheza no público que recebe) ou a domesticação (que facilita o entendimento do público que recebe ao adaptar de uma cultura a outra);

intermediada pela equivalência que atenta para o desempenho da mesma função comunicativa entre texto traduzido e texto original.

Por outro lado, conhecemos a tradução literal, que traduz de modo a manter os mesmos efeitos em relação ao léxico; e a tradução livre, que considera manter os mesmos efeitos de sentido – intenção comunicativa – não se prendendo ao nível da palavra). Além disso, há a adaptação que servirá para ajustar referentes da língua de partida inexistentes na língua de chegada, e considerando a dublagem, ajustará de modo a garantir coerência entre o que se fala e as características faciais de quem fala.

Esses tipos e escolhas quanto à tradução são usados também na tradução para dublagem, de modo que cabe ao tradutor escolher entre um ou outro recurso de adequação da língua fonte para a língua alvo, ou optar por manter todos em consonância, a depender de sua necessidade de trabalho. Para o caso do nosso trabalho, no qual analisamos a dublagem de Harry Potter e a Pedra Filosofal, constatamos que as escolhas mais recorrentes se deram em função da equivalência das falas traduzidas para que desempenhassem a mesma função comunicativa, ainda que não seja mantida a fidelidade linguística estrita e, por vezes, houvesse mudança no registro de formalidade. Além disso, foi comum a escolha pela domesticação, uma vez que as falas são traduzidas para a cultura de chegada para facilitar a compreensão do público alvo, notadamente infanto-juvenil.

Vale salientar que as escolhas da tradução de dublagem para audiovisual analisadas no filme também mostraram o papel da coerência labial e gesticulação, além da coerência no volume textual e adequação a língua portuguesa. Por isso, ainda que não pudéssemos reproduzir as imagens no trabalho, pontuamos onde a aparição das personagens na tela e a velocidade de suas falas eram importantes para o produto final da dublagem.

Foram investigadas as principais mudanças ocorridas na tradução para a dublagem, considerando as falas do filme em sua relação com o audiovisual das cenas, atentando para as alterações de natureza léxico-sintática e semântica, entre original e dublagem, a saber se produziram, também, efeitos de sentido diversos para o telespectador. Da produção das análises chegamos aos seguintes resultados apresentados no quadro a seguir, em que cada opção de escolha adequou-se principalmente em função ou da equivalência, ou da domesticação, ou da expressão facial e movimentação labial e volume do texto, ou a simples adequação ao tempo da fala.

**Quadro 16**

<b>RESULTADO DAS OCORRÊNCIAS</b>			
<b>EQUIVALÊNCIA</b>	<b>DOMESTICAÇÃO</b>	<b>EXPRESSÃO FACIAL E MOVIMENTAÇÃO LABIAL/ VOLUME DO TEXTO</b>	<b>ADEQUAÇÃO AO TEMPO DE FALA</b>
“I still need a wand”; “I wondered when I’d be seeing you, Mr. Potter”, “No thanks, I’m all set”; “With feeling”;; “With me so far?”;; “Seemed quite glad to be rid of it as a matter of fact” ; “I’m afraid, professor Dumbledore is not here”.	“You’re from Burma, aren’t you?”;; “With feeling”; e “With me so far?”.	“Thank you for that assessment, Mr. Weasley”.	“And now, as I understand it, the house cup needs awarding”.

**Fonte:** autoria própria (2018)

Dos resultados obtidos ressaltamos que em nenhum momento houve distorção da mensagem original, a ideia apresentada na versão dublada (em língua portuguesa) é a mesma ideia que observamos na versão original (em língua inglesa).

Chegamos enfim a conclusão de que traduzir é importante, e que a depender do contexto, o tradutor usará da técnica que melhor adequa-se a seu trabalho. De modo que traduzindo, não coloque na emissão de chegada aquilo que não está dito na emissão de partida, mas que mantenha o mesmo foco comunicativo, a mesma função, assim, língua de chegada e língua de partida estejam associadas à função desempenhada. Diante de todas as considerações colocadas aqui, apontamos que tradução e dublagem são relevantes, respeitá-las é necessário.



## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE BEDELL – Um pequeno passo para muitos entenderem melhor a bíblia. In: **Revista A Sentinela**. Brasil, 2015, p. 11-13.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. Editora Ática, 5ª edição. São Paulo, 2007.

BARROS, Livia R.R.S. **Tradução audiovisual: A variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa**. 2006, 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de pós-graduação em Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo**. 2.ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2007. 200 p.

CAPOBIANCO, Marcela; VASCONCELOS, Monique;. **O ator sem rosto: Como é o trabalho do dublador, o artista que só se expressa por meio da voz. Entre gritos e sussurros**. Eclética, 2010.

FARIAS, Raquel Rocha. **Tradução para dublagem e variação linguística: um estudo de caso no filme Bastardos Inglórios**. 2014, 82 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de pós-graduação em Letra, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

FREIRE, Rafael de Luna. “Versão brasileira” – contribuições para uma história da dublagem cinematográfica no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. **Ciberlegenda**, v. 1, n. 24, 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/>

FREITAS, Luana Ferreira de. Tradução e Autoria: de Schleiermacher a Venuti. **Cadernos de tradução**. v. 1, n. 21. Florianópolis: UFSC, 2008.

FRIIO, Fernanda. As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau. **TradTerm**, São Paulo, v. 22, Dezembro/2013, p. 15-30.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter. **Introdução aos estudos de tradução**. UFSC, Florianópolis, 2006.

KAHMANN, Andrea. **Introdução aos estudos da tradução**. Apostila Letras-Libras, UFPB, 2011.

LESSA, L. P. **A dublagem no Brasil**. Trabalho apresentado na disciplina Projetos Experimentais (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/Leandro-Pereira-Lessa.pdf> . Acesso em: 11 de novembro de 2017.

NASCIMENTO, Fernanda Gomes do. **A voz em estúdio: O uso audiovisual da dublagem e do diálogo pós-sincronizado no Brasil**. 2014, 116 f. Dissertação (Mestrado em Meios e processos audiovisuais). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Alessandra Ramos. Equivalência: sinônimo de divergência. **Cadernos de Tradução**. (UFSC), n.19,2007, p. 97 – 114.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: História, teorias e métodos**. 1956. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PORTO, Felipe Machado. **É dublado, tudo bem?** Uma série de programas de rádio sobre o mundo da dublagem. 2011, 102 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em em Audiovisual) - Faculdade de Comunicação social. Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

RAMALHO, Mainly R.V. dos Santos. **Dublagem: um estudo da tradução audiovisual através das perspectivas logocêntrica e desconstrutivista**. Centro de comunicação e letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2008. Disponível em [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto\\_todasletras/inicie/Mainly.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasletras/inicie/Mainly.pdf). Acesso em 11 de novembro de 2017.

RIECHE, Adriana Ceschin. **O conceito de equivalência e sua relação com a localização de software**. Artigo elaborado a partir da Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, intitulada Memória da tradução: Auxílio ou empecilho sob orientação da professora Márcia Martins (PUC-RJ), 2004. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/rtcom/article/viewFile/121/119>.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. Editora nova fronteira, 6ª edição. Rio de Janeiro:1987.

SILVA, Aldemiza Correia da. **As estratégias de tradução para a dublagem do humor do seriado Chaves**. 2013, 48 f. Monografia (Especialização em formação de tradutores). Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da Tradução: Uma visão integrada. **Revista de letras**, nº20, 1998, p. 51 – 67.

WAQUIL, Marina Leivas. A voz do tradutor no texto traduzido: a subjetividade manifestada nas notas. **RÓNAI: Revista de estudos clássicos e tradutórios** – V.2 N.1 pp. 73-92 – UFJF – Juiz de Fora, 2014.

ZIPSER, M.E.; POLCHLOPEK, S.A. **Introdução aos estudos da tradução**. LLE/CCE/UFSC. Florianópolis, 2008.

## APÊNDICE

### Quadro 1

<b>TEMPO DE LOCALIZAÇÃO NO VÍDEO</b>	<b>VERSÃO ORIGINAL (V1)</b>	<b>VERSÃO DUBLADA (V2)</b>
06min37seg	Can you hear me?	Você consegue me entender?
06min42seg	You're from Burma, aren't you?	Veio do Brasil não foi?
07min07seg	...I see!	Entendi!
07min34seg	P1: Thanks! P2: anytime!	P1: agradeço! P2: não há de que!
22min21seg	Best stay close!	Fique perto de mim.
23min58seg	What's in there, Hagrid?	O que tem aí dentro, Hagrid?
24min47seg	I still need a wand.	Ainda está faltando uma varinha.
25min32seg	I wondered when I'd be seeing you, Mr. Potter.	Eu estava esperando a sua visita, senhor Potter.
25min56seg	Here we are.	Aqui está.
26min08seg	Give it a wave.	Experimente.
26min43seg	No matter	Tudo bem
31min41seg	There's no such thing, is there?	Esse número não existe, existe?
34min26seg	Do you mind?	Se importa?
34min58seg	No, thanks. I'm all set.	Não, obrigada. Trouxe de casa.
41min09seg	You don't want to go making friends with the wrong sorts.	Você não vai querer ser amigo da pessoa errada.
41min18seg	I think I can tell the wrong sort for myself, thanks.	Eu posso ver soinho quem é a pessoa errada.
42min09seg	Will you wait along here, please?	Fiquem todos aqui, por favor.
49min09seg	Caput Draconis.	Cabeça de Dragão.
51min01seg	Thank you for that assessment Mr. Wislet.	Que bom que gostou sr. Wislet.
51min14seg	...Then perhaps a map? I trust you don't need one to find your seats.	...Ou quem sabe um mapa? Precisam de um pra acharem seus lugares?
54min29seg	When the smoke turns red and you've forgotten something.	Se a fumaça ficar vermelha é porque esqueceu de alguma coisa.
55min41seg	With feeling	Com vontade
56min	Grip it tight. You don't wanna be sliding off the end.	Segurem firme.Ou vão escorregar pelo outro lado.
56min12seg	...then xxx forward slightly and touch back down.	...depois curvem o corpo para frente e voltem pro chão.
57min42seg	If he had squeered this, he'd have remembered to fall on his arse.	Se aquele gorducho tivesse apertado isso, talvez se lembrasse de cair com o traseiro.

58min02seg	Bit beyond your reach?	É muito alto pra você?
01h00min10seg	Our job is to make sure you don't get bloodied up too bad.	Nosso trabalho é garantir que você não saia muito machucado.
01h04min17seg	With me so far?	Está entendendo?
01h17min12seg	Now, I want a nice, clean game...from all of you!	Eu quero que façam um jogo limpo. Isso vale pra todos.
01h23min02seg	Looks like he's gonna be sick.	Parece que ele vai vomitar.
01h35min06seg	Back again, Harry?	Outra vez aqui, Harry?
01h36min34seg	It does not do to dwell on dreams and forget to live.	Não vale a pena viver sonhando Harry e se esquecer de viver.
01h40min17seg	Seemed quite glad to be rid of it, as a matter of fact.	Ficou contente de se livrar dele pelo que eu percebi.
01h41min15seg	He'll have to be trained up a bit, of course.	Ele precisa de treinamento, é claro.
01h41min28seg	Oh, dear.	Oh, não.
01h43min37seg	For God's sake, pull yourself together, man.	Pelo amor de Deus, tente se controlar homem.
01h43min40seg	Got to have your wits about you.	Tem que ter a cabeça no lugar.
01h51min52seg	I'm afraid , professor Dumbledore is not here.	Lamento, mas o professor Dumbledore não está.
02h10min52seg	Something that, conveniently enough lies in your pocket.	Uma coisa que convenientemente está no seu bolso.
02h18min09seg	And now, as I understand it, the house cup needs awarding.	E agora, está na hora da taça das casas ser entregue.
02h18min15seg	And the points stand thus:	A classificação é a seguinte:

**Fonte:** autoria própria (2018)